

Nathália Mendes e Yvna Sousa

É bom viver Nacional

Brasília - DF

2010

Copyright © Nathália Mendes e Yvna Sousa, 2010

Produção Editorial: Nathália Mendes e Yvna Sousa

Projeto Gráfico e diagramação: Ana Rita Cunha

Revisão: Júlio Cezar Garcia

Fotos: Arquivo Público do Distrito Federal e Maíra Morais

Foto da Capa: Maíra Morais

Todos os esforços foram enviados no sentido de garantir o devido crédito aos detentores de direitos autorais e de imagem. Para os materiais que não puderam ser identificados e creditados com segurança, o direito está reservado. No caso de um detentor se identificar, faremos com prazer constar o crédito nas impressões e edições seguintes.

Direitos exclusivos desta edição reservados por Nathália Mendes e Yvna Sousa

MENDES, Nathália, SOUSA, Yvna

É bom viver Nacional: vidas sintonizadas em 980 kHz / Nathália Mendes e Yvna Sousa - Brasília, 2010

il. 104 páginas

1. Rádio Nacional - Brasília - história. Meios de Comunicação - Rádio - Brasília - história. I. Título

Agradecimentos

Primeiramente, agradecemos ao apoio constante de nossos familiares e amigos, pelas contribuições indiretas, pela pronta disposição em ajudar e por acreditar em nosso projeto. Não podemos esquecer dos conselhos valiosos, da insistência, amizade e paciência do professor Fernando Oliveira Paulino, que nos acompanhou desde a primeira entrevista até o difícil processo de costurar tanta informação. Agradecemos também a Luiz Egypto pela aula transmitida via *Skype* e por ter nos apresentado a metodologia ideal para o desenvolvimento do nosso trabalho. Nosso reconhecimento à Empresa Brasileira de Comunicação (EBC) e seus funcionários, que abriram as portas da Rádio Nacional de Brasília e as suas portas particulares ao compartilharem conosco suas histórias de vida e experiências na emissora. Também é preciso ressaltar a preciosa colaboração da jornalista Juliana César Nunes que, além de compartilhar conosco seu conhecimento sobre a Nacional, nos cedeu, na íntegra, entrevistas, áudios, vinhetas, documentos e fotos, material coletado por ela e outros colegas por ocasião do 50º aniversário da rádio. Sem isso, uma boa parte da história que contamos estaria incompleta. E finalmente, somos profundamente gratas às colegas e amigas Ana Rita Cunha e Maíra Morais, responsáveis pelo projeto gráfico e fotografias, respectivamente, que modelam e ilustram nosso texto, dando forma a este livro.

Apresentação

Este livro é fruto do nosso projeto final de graduação em Jornalismo. Foi motivado, em parte, pela admiração que desenvolvemos pelo rádio durante a passagem pela universidade e por uma pontinha de inveja por não termos crescido nos áureos tempos desse veículo. Mesmo sem viver aquela época, sentimos falta das radionovelas, dos programas humorísticos, dos shows ao vivo, da identificação com o locutor e de todas as interessantes especificidades e da riqueza de conteúdo que pouco encontramos na televisão e durante muito tempo, também não encontramos no rádio. Até descobrirmos a Rádio Nacional de Brasília.

Foi um desafio, primeiramente, explorarmos um mundo quase desconhecido pela nossa geração: as emissoras AM. Superada a resistência causada pela transmissão ruidosa e por uma impressão de que “AM é coisa de velho”, encontramos conteúdo rico, diferenciado e programas para quase todos os gostos. Sentíamos falta de uma emissora que não se restringisse somente a música ou notícia. E na Nacional de Brasília encontramos isso.

Por outro lado, nos impressionamos ao saber que nossa mais nova descoberta tinha mais de 50 anos! Sim, ela era anterior a Brasília e houve um tempo em que era ouvida em todo o Brasil. E não tardou para que os questionamentos aparecessem: qual terá sido a impressão dos funcionários quando chegaram para trabalhar em uma cidade que ainda nem existia? Como foram as primeiras transmissões? Dos programas que estão no ar,

quais são os mais antigos? Como era possível a rádio ser ouvida, ao mesmo tempo, por alguém no Rio Grande do Sul e no Amapá? Quem foram os apresentadores de destaque, quais foram os programas de maior audiência? A rádio fazia shows ao vivo? Quem são as pessoas que fazem a rádio hoje? E a cada pergunta respondida, nos era revelado um mundo encantador. Então, novas perguntas surgiam e nossa vontade de conhecer esse universo crescia ainda mais. A medida que conversávamos com as pessoas e ouvíamos mais histórias sobre a Rádio Nacional, compreendemos o verdadeiro sentido do que diz uma vinheta que roda na programação: “É bom viver Nacional”.

Este é um registro inicial da longa história da Rádio Nacional de Brasília e, portanto, não tem a pretensão de ser definitivo. Temos a consciência de que podem ter ficado de fora pessoas importantes e que ainda há muitas boas histórias a serem ouvidas. Este é o resultado de uma primeira incursão que fizemos pelo mundo da Rádio Nacional. Continuaremos voltando a este lugar. Ora para dar seguimento à nossa pesquisa, ora para relaxar e ouvir um bom programa.

Nathália Mendes e Yvna Sousa

“Se tiver jeito, o dia que eu for, eu quero levar o rádio comigo para ouvir a Rádio Nacional. Então, lá em cima, meu amigo, arruma uma tomada que lá vou eu com o meu radinho.”

*Lourdes Martins Soares, a Dona Lourdes,
70 anos, considerada a ouvinte-símbolo
da Rádio Nacional de Brasília.*

Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1	
Brasília faz ouvir sua voz.....	13
CAPÍTULO 2	
A Nacional que anda e fala.....	23
CAPÍTULO 3	
A cara da rádio construída.....	35
CAPÍTULO 4	
Entre o espetáculo e a informação.....	49
CAPÍTULO 5	
O público é quem a torna pública.....	63
CAPÍTULO 6	
Vidas sintonizadas em 980 kHz.....	77
CAPÍTULO 7	
Estórias que viraram história.....	83
BIOGRAFIAS.....	95

Introdução

A Rádio Nacional AM de Brasília é uma das oito emissoras da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), empresa pública criada em 2008 para implantar e gerir canais públicos, complementando os canais privados por meio de programações diferenciadas.

A história da emissora, no entanto, é muito anterior à EBC: inaugurada em 1958, a Nacional de Brasília foi companheira de milhares de candangos e viu a nova capital nascer e se consolidar no Planalto Central. Durante o regime militar, teve sua potência elevada, com o intuito de levar o discurso do Estado para lugares onde existiam poucas emissoras ou era mais fácil sintonizar transmissões de outros países latino-americanos. Usando potentes transmissores – e por ser a única emissora do país a operar na frequência de 980 KHz –, durante anos, a Nacional de Brasília pode ser sintonizada nos quatro cantos do Brasil. Após passar por um período de pouco investimento nas décadas de 1980 e 1990, hoje, a Rádio Nacional busca exercer uma comunicação pautada na diversidade cultural, no conteúdo diferenciado das emissoras comerciais e no jornalismo focado no cidadão.

Desta longa trajetória, pouco foi guardado. A Nacional de Brasília ainda não possui um acervo sistematizado que contenha áudios dos programas, planilhas da programação, fotos ou quaisquer outros documentos. Um pouco disto encontra-se em um galpão onde o que ainda existe se deteriora dia após dia por falta de

condicionamento adequado. Alguma coisa é guardada pelos próprios funcionários em arquivos pessoais. Mas grande parte simplesmente se perdeu.

Diante da dificuldade em fazer uma pesquisa alicerçada em materiais que contivessem informações objetivas, utilizamos a metodologia do Museu da Pessoa, organização do terceiro setor que tem como missão “contribuir para tornar a história de cada pessoa valorizada pela sociedade” e que, entre outras ações, editou o livro “Memórias do Distrito Federal – A luta pela autonomia política”. A publicação serviu como referência para o nosso projeto, por também se basear na memória das pessoas para construir um panorama histórico.

Sendo assim, cada capítulo conta uma parte da história da Rádio Nacional de Brasília por meio de trechos dos depoimentos de pessoas que fizeram e fazem parte dela. São apresentadores, cantores, técnicos, jornalistas e gestores. Diante de suas lembranças únicas e especiais sobre os acontecimentos, construímos um panorama humanizado da memória da emissora. Vale ressaltar que, na medida do possível, os relatos foram confrontados entre si e corroborados com dados extraídos de documentos.

As entrevistas que servem de base para este trabalho foram coletadas de três maneiras: primeiramente, por jornalistas da emissora por ocasião do aniversário de 50 anos da Nacional de Brasília, e gentilmente cedidas por Juliana Cezar Nunes. Segundo, pela Ouvidoria da EBC, que produz o programa *Rádio em Debate*, resultado de parceria entre a empresa e a Universidade de Brasília. Por fim, colhidos por nós, a fim de complementar o material já disponível.



Brasília faz
OUVIR SUA VOZ

31 DE MAIO DE 1958. OS CANDANGOS ESCAVAVAM MINAS ocultas para erguer uma nova cidade: a terra prometida. Prometida em campanha pelo então candidato à Presidência Juscelino Kubitschek, em comício realizado em Jataí/GO, em abril de 1955. A terra não vertia leite, tampouco mel, como Dom Bosco teria previsto há quase 75 anos antes: a cada toque do maquinário pesado, desvirginando clareiras e construindo palácios, subia uma poeira avermelhada. Como de costume, o último dia do mês raiou cobrando incessante trabalho braçal, resplandecendo no mármore e cheirando a massa de cimento e suor. Caminhões continuavam a surgir no horizonte, apinhados de gente que vinha em busca de uma nova vida. Foi quando entre uma martelada e outra, o arremedo da nova capital pode ouvir a transmissão da primeira emissora de rádio da cidade que ainda nem existia. A Rádio Nacional AM de Brasília, trazendo uma parte do elenco de artistas de sua irmã carioca para o show de inauguração, invadiu os aparelhos de rádio de peões e mocinhas, engenheiros e prostitutas, do presidente e dos mestres-de-obras.

A Rádio Nacional está no primeiro parágrafo da constituição do sistema radiofônico de Brasília. Antes dela, havia a pré-história dos alto-falantes, como a Voz de Brasília, estrategicamente instalada na Cidade Livre – hoje, Núcleo Bandeirante. As caixas de som ressoavam ofertas de emprego, música, recados e prestação de serviço. A chegada da Nacional marca o início da história formal do radialismo na nova capital do Brasil. A emissora se instalou como pôde em um galpão de madeira na 507 Sul e iniciou suas transmissões com uma programação que se construía no dia a dia.

Foto: Aparelho sobrevive à incêndio na Cidade Livre: sempre presente nos barracos dos candangos, o rádio em Brasília nasce com a chegada da Rádio Nacional (crédito: Mário Fontenelle/Arpdf)

E bastou uma palavra para agigantar a pequena rádio fundada em Brasília: Nacional. Durante anos, mas principalmente na “fase de ouro” dos anos 1940 e 1950, um país inteiro sintonizou na mesma frequência para ouvir as radionovelas, os shows, noticiários e programas de auditório, humorísticos e esportivos da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que, em 1942, começou a transmitir sua programação para todo o Brasil em ondas curtas. Apesar de ter sofrido duro golpe com o advento da televisão, em 1950, e ver sua audiência migrar para o novo meio de comunicação, a marca Nacional ainda fazia parte do imaginário do brasileiro naquela década.

As vinhetas, músicas-tema, locutores e programas eram referência para os ouvintes e influenciaram gerações que aprenderam a fazer rádio com o ouvido colado nas transmissões da Nacional do Rio de Janeiro. E quando os donos das vozes até então ouvidas apenas no rádio desembarcaram no Planalto Central para fazerem a festa da primeira transmissão da Nacional de Brasília, centenas de candangos exauridos resolveram fazer uma pausa naquele sábado para dar uma espiada no auditório da nova emissora.

Durante a inauguração, Juscelino Kubitschek fez uma profecia e uma sentença. Primeiro, o então presidente delineou com precisão o futuro da rádio: “Das vertentes amazônicas às coxilhas gaúchas, e dos contrafortes andinos ao litoral atlântico, Brasília fará ouvir a sua voz, a partir deste momento, graças aos possantes transmissores da Rádio Nacional, que ora inauguramos”. Naquele instante, o presidente confiava à emissora o papel de falar além da Cidade Livre, de Planaltina e cidades próximas: a Nacional de Brasília carregava em

seu nome o firme propósito de ser uma rádio de todos os brasileiros.

Depois, Kubitscheck afirmou: “A Rádio Nacional de Brasília, ora inaugurada, terá a responsabilidade de atuar como traço de união entre o Brasil atual e o Brasil do futuro, criando condições propícias para a convivência e para o intercâmbio cultural das nossas comunidades regionais”. Os pioneiros, que até então só se comunicavam pelos alto-falantes, puderam transmitir recados para suas famílias, espalhadas por todas as regiões do país. Foi assim que a Nacional de Brasília se popularizou: ela era o elo entre os candangos e gente que nem sabia como era a nova capital. Nascia, assim, uma companheira para aqueles que edificavam a cidade com as próprias mãos.

A epopeia dos pioneiros

Eu sou jornalista desde os 16 anos. Na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, eu era secretário do Paulo Roberto, médico, radialista. Quando eu tinha 23 anos, um dia ele me disse: “Zair, JK está conclamando! Seja um voluntário! Você vai se casar, não é? Pois se case com a Terezinha e vá para Brasília. Ele precisa de radialistas pioneiros.”

Eu e cerca de 24 pioneiros chegamos em Brasília em meados de abril de 1958. Muitos eram da Nacional do Rio, como eu. Fomos de avião e eu nunca tinha viajado de avião. Aqueles que já tinham chegado antes da gente nos esperaram no aeroporto, que era de madeira, im-

provisado. Nos colocaram num caminhão humilde que estava a serviço da rádio e atravessamos aquela poeira terrível, aquela terra virgem, até a sede da Rádio Nacional. Depois fomos conhecer os transmissores. As obras estavam em ritmo intenso. A parte técnica já estava praticamente toda consolidada e estava sob a direção de um engenheiro que era da Nacional do Rio de Janeiro, Julio Nóbrega.

E na W3 Sul¹, num prédio improvisado, mas muito bem improvisado, nós começamos a falar para o Brasil. A inauguração da Rádio foi um portento. E lá estava o presidente JK, que aliás, estava sempre conosco em Brasília, solidariamente, conversando na Cidade Livre. O Leoni Mesquita foi o primeiro que dirigiu a rádio, mas não chegou a um ano, depois teve que voltar ao Rio. Depois o sucedeu uma figura extraordinária, Edmundo Vale. Esse praticamente foi criado na Nacional do Rio de Janeiro, desde rapazinho. Depois transitariamente tivemos Fernando Jacques. Isso tudo entre 1958 e 1961.

*Zair Cançado,
radialista*

Paixão pelo rádio vem de berço

Meus pais tinham um serviço de alto-falante chamado A Voz de Brasília no Núcleo Bandeirante, que na época se chamava Cidade Livre. Ele montou esse serviço, que tinha duas cornetas, ampliou e colocou o som da rádio na cidade inteira. Então eu cresci dentro do estúdio deles.

A Voz de Brasília era o grande veículo de comu-

1. A Nacional de Brasília já teve três sedes, todas à margem da avenida W3. Após se instalar provisoriamente na 507 Sul, a emissora foi transferida, em 1960, para o Setor de Rádio e Televisão Sul, na 701 Sul. Em 2001, a Nacional de Brasília mudou-se novamente, desta vez, para a 702/703 Norte, onde permanece até hoje.

nicação. Era uma emissora comum, tocava música, anunciava emprego o dia inteiro. Quem vinha procurar emprego ia direto lá porque tinha um balcão de oferta de empregos muito movimentado. E quando a Rádio Nacional foi ser inaugurada, um dos caminhões de equipamentos, que tinha os discos, quebrou no caminho. Aí, eles foram lá pedir uns discos para o meu pai, para tocar na inauguração. Ele emprestou os discos por um bom tempo, até esse caminhão chegar. A Voz de Brasília funcionou de 1957 a 1961.

*Carlos Senna,
radialista, jornalista e coordenador
da Rádio Nacional FM Brasília,
filho de Carlos e Cleusa Senna*

Fincando a capital no cerrado

Para nós, os candangos, era fantástico ter aqui uma rádio. As pessoas que eram mais velhas já acompanhavam as novelas e a programação da Rádio Nacional lá do Rio de Janeiro. De repente, ela está aqui com a gente. Era fantástico!

A Rádio Nacional era uma coisa que Brasília precisava: um órgão de comunicação. As pessoas não acreditavam que Brasília ia realmente se fixar, achava-se que, quando Juscelino saísse, a capital também poderia retornar [para o Rio de Janeiro]. A Rádio Nacional trouxe um pouco de certeza para a gente de que aqui estava fincada a capital da República.

Na noite de inauguração da Rádio, os candangos estavam afoitos, animados. Uma emissora na capital!

Então houve um aglomerado de pessoas. O meu marido, Carlos Senna, também era jornalista, então a gente ficava sempre no meio e pôde acompanhar bem de pertinho. Fizeram um show e houve uma confraternização muito grande da rádio com os candangos e com as pessoas que aqui estavam.

*Cleusa Senna,
radialista e ex-locutora do serviço
de alto-falante A Voz de Brasília*

Nacional do Rio em Brasília

Eu estava grávida quando fui cantar na inauguração da rádio. Fomos eu, Ângela Maria, Altemar Dutra, João Dias, Carlos Galhardo... um monte de gente da Rádio Nacional do Rio. Foi meio improvisado, mas era uma coisa linda, pura. Nós fizemos o show para os candangos, os operários. O espetáculo era para eles. Foi tocante.

*Lana Bittencourt,
cantora*

Com as pernas trêmulas

Eu cresci ouvindo a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. No fim da tarde, tinha o *Jerônimo, o Herói do Sertão*, e até hoje eu lembro da música: “Quem for passar pelo sertão vai ouvir alguém falar...”, que era o tema da novela. Ouvia *O Direito de Nascer, Balança Mas Não Cai, o Programa Paulo Gracindo...*²

2. *O Direito de Nascer e Jerônimo, o Herói do Sertão* são duas das radionovelas de maior sucesso do país, sendo que a última permaneceu no ar por 14 anos e rendeu 3.276 capítulos. O programa *Balança, Mas não Cai* e *PRK-30* foram precursores do gênero humorístico no rádio. Paulo Gracindo apresentou os programas musicais *Noite de Estrelas* e *Programa Paulo Gracindo*, além de ter interpretado o protagonista de *O Direito de Nascer* e participado de *Balança, Mas Não Cai*.

Eu vim para o Plano Piloto para ver a inauguração da rádio. E na hora que eu me vi diante de César de Alencar, de Ângela Maria, de Dircinha Batista, daquela gente todinha, me deu uma tremedeira. A perna batia uma na outra e eu pensava: “Gente, esse povo existe, eles também são de carne e osso”.

Eu tinha endeusado os artistas da Rádio Nacional e de repente, eu estava na frente deles. Eu podia pegar neles! Depois, eu percebi o mesmo sentimento nas pessoas quando eu ia nos garimpos do Pará, no Mato Grosso, Tocantins, no interior da Bahia, e elas conheciam o Mascarenhas de Moraes.

*Mascarenhas de Moraes,
radialista*

A Nacional convoca candangos

A Nacional era de uma importância tão grande para a construção de Brasília... Eu digo que o chamamento de Juscelino, a empolgação dele com a construção de Brasília, não teria efeito se não tivesse a Rádio Nacional.

A Nacional foi um pilar para a construção de Brasília porque ela alcançava o Brasil todo e através dela é que nós fazíamos o chamamento para a mão de obra pesada, do homem rude do campo, o peão, o candango. Era preciso lotar essa cidade. E era através da Rádio Nacional que fazíamos isso.

*Fernando Lopes,
cantor*

Boa notícia chega pela rádio

Naquele tempo, em 1960, 1961, as comunicações eram difíceis. Então, as pessoas procuravam a Rádio Nacional para mandar recados para os familiares. E uma vez o Dilson conseguiu me telefonar e disse: “Vou mandar um recado pelo programa do Meira Filho. Fique atenta”. Lá em Cruz Alta (RS), minha cidade natal, a gente ouvia a Rádio Nacional. E para minha alegria, um belo dia, às 7h da manhã, ele disse: “Dona Lourdes, Dona Lourdes, seu marido aqui em Brasília manda te avisar que você arrume as malas porque ele vai te buscar por esses dias”. Foi a melhor notícia que eu podia receber naquele momento.

*Lourdes Sallas,
viúva de Dilson Sallas, ex-funcionário da emissora*

“Façam tudo por ela”

O radialista Adelchi Ziller era o diretor da Rádio Nacional e era amigo do Juscelino. Os problemas estavam acontecendo e ele procurou o presidente para expor as necessidades da rádio. O presidente não gostou e disse ao Ziller o seguinte: “Colocar a Rádio Nacional em Brasília, eu coloquei. Agora, vocês se virem. Porque o governo não tem di-nheiro para manter rádio, não. Vão trabalhar na Rádio Nacional, coloquem-na no ar e façam tudo por ela”. E fizemos. Isso aqui foi feito com muito pouco dinheiro, mas muita dedicação, muita esperança.

*Meira Filho (1922-2008),
radialista*



A Nacional que
anda e fala

A TRAJETÓRIA DA RÁDIO NACIONAL DE BRASÍLIA SE ENTRELAÇA com a história pessoal daqueles que passam pela emissora. Locutores, apresentadores, operadores de áudio, sonoplastas, jornalistas e gestores dão vida e encarnam a própria Rádio Nacional, que anda, fala, pensa e se veste da voz e do jeito do outro para reverberar nos quatro cantos do país. A história da Rádio Nacional é, sobretudo, humana. Os arquivos, dados e acervos não contam esta história de maneira tão detalhada quanto os relatos de pessoas que se confundem com as ondas sonoras da emissora.

Com 52 anos de existência, a Nacional AM é movida por três gerações de radialistas. Os incansáveis pioneiros assumiram microfones e mesas de som ainda nos primórdios da rádio e inventaram a emissora, desde sua linguagem até seus princípios – ainda que fazendo isso de forma instintiva, mirando-se em exemplos bem-sucedidos, como os programas da Nacional do Rio de Janeiro. Nos anos 1970 e 1980, vieram os que reinventaram a rádio e instituíram a cultura de priorizar o ouvinte.

A terceira geração que chega à Rádio Nacional é constituída por profissionais concursados, como rege a Constituição de 1988, e estabelece como meta principal transformar a Rádio Nacional de Brasília em uma empresa pública, de fato. Esse encontro de gerações propicia intercâmbio de ideias, contestações de modelos e, o mais interessante, permite que pessoas que cresceram ouvindo a emissora, dividam agora os microfones com aqueles que, há anos, são a própria Nacional. Essas histórias são a prova de que há uma interessante relação entre a emissora e seus funcionários: a Rádio Nacional

Foto: A partir da mesa de operações do estúdio da Nacional, o exercício de transformar gente comum em comunicador (crédito: Maira Morais)

de Brasília, efetivamente, alterou a história de vida de sua gente. Ela prova que é um agente transformador em suas duas pontas: no lado de lá, enriquece o dia a dia do ouvinte com entretenimento, informação e prestação de serviço; no lado de cá, envolve, de tal forma, a equipe na construção dessa mensagem, que cada transmissão se torna única e cada história compartilhada com o ouvinte é um momento de transformação pessoal. Este capítulo conta como a Rádio Nacional de Brasília aconteceu na vida de gente comum – que deixou de ser só gente comum para fazer parte de um grupo que, todos os dias, pede licença e entra nos lares de milhares de brasilienses.

O cantor mexicano

Eu vim para Brasília a convite do jornalista Américo Fernandes. Fiz um teste na Rádio Nacional com o maestro Isaac Kolman e passei. Me registraram como cantor, mas precisavam trocar o meu nome, porque tinha um cantor com o mesmo nome que eu. Meu nome não é Fernando Lopes. É Eduardo Gomes de Faria. Mas como eu cantava um repertório latino-americano e por causa desse outro cantor, esco-lheram o nome de Fernando Lopes.

Eu o adotei com a obrigação de só falarportunhol. Então, eu vivia encarnado num mexicano. Durante o dia eu trabalhava na Novacap³ e à noite, cantava na Rádio Nacional. Trabalhando, eu era o Eduardo. Só meus colegas de sala sabiam que eu era o Fernando Lopes. Tinha muita gente que dizia que eu parecia com o Fernando

3. A Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap) foi criada em 1956 com o objetivo de coordenar a construção de Brasília e teve como primeiro presidente Israel Pinheiro. Até 1960, ergueu os principais prédios públicos da cidade e o aeroporto, além de residências, clubes, igrejas e hospitais. Atualmente, é vinculada à Secretaria de Obras do DF e gerencia as obras planejadas pelo governo local.

Lopes, mas eu negava, não podia contar. E passar o dia inteiro no portunhol seria demais!

Um dia, o maestro Kolman me falou: “Fernando, ô rapaz, você vai cantar para o meu compadre. Bota um terno e eu te pego aqui na rádio”. Fomos no carro da rádio eu, ele e Juca do Acordeon. Quando vi, estávamos no Catetinho. Bastante gente, muita música tocando. Aí o maestro falou: “Meu compadre!” Quando eu olhei, era o presidente! O maestro disse: “Esse rapaz canta aqueles boleros que o senhor gosta”. O Juscelino me abraçou e pediu para eu cantar. Eu cantei algumas músicas e ele falou para irmos em todos os fins de semana para lá. E nós íamos. Aí eu passei a ser um dos seresteiros do Juscelino. Quando ele viajava para alguma cidade, fazia as aparições oficiais e depois, o prefeito ou governador dizia: “Presidente, hoje vai ter um sarau”. E ele respondia: “Que ótimo, eu também trouxe meu pessoal”. E nós íamos para a festa. Foi uma das maiores glórias da minha vida. Porque, eu, vindo do interior, família humilde... e sendo abraçado pelo Juscelino. Ele tinha o maior carinho comigo.

*Fernando Lopes,
cantor*

Uma guinada na carreira

Eu vim para Brasília pelo Ministério da Justiça. Eu trabalhei na Polícia Federal durante 10 anos. Trabalhei também como auxiliar administrativo, engraxate, *office boy*, vendedor de pipoca, fui moleque de rua. Quando fiz o teste da Nacional levado por um amigo, tive que

cantar. Na primeira vez, não subi ao palco, fugi. Aí, quando ele me levou de novo, fiz o teste no auditório, com o Ruy Carneiro, que era o chefe dos locutores. Cantei e fiz locução.

Eu entrei na Rádio Nacional em 1964. Cantei mais umas duas ou três vezes e não mexi mais com isso. E o Ruy me colocou como locutor reserva 3. Não era nem 2, era 3.

Tinha Gilberto Amaral, Alípio Monteiro, Adilson Salas, Meira Filho, Roberto Márcio, a turma toda mais antiga. E eu fiquei como locutor reserva e fui aprendendo a profissão. Durante dois anos, eu só aprendi. Aprendi noticiário, comerciais, até teatro nós fizemos.

Depois fui para o Rio, fiquei lá durante seis anos. Voltei para casa e continuei na Rádio Nacional. Fiz a Voz do Brasil⁴ durante 20 anos.

*Clemente Drago,
radialista*

Nasce o Embaixador de Goiás

Eu estava dormindo e acordei à tarde com uns foguetórios. Era dia 13 de maio de 1959. Foi a chegada da imagem de Nossa Senhora de Fátima que fica na Igreja e tinha uma procissão de caminhões cheios de peões soltando foguetes. Eu entrei num caminhão daqueles, desci na W3 e ali fiquei. Não voltei nem para buscar minhas roupas no Núcleo Bandeirante. Dormia num alojamento e outro, fui trabalhar na administração das obras, em jardim de infância... Mas não queria sair de perto da Rádio Nacional.

4. Criada em 1935, *A Voz do Brasil* (inicialmente *A Hora do Brasil*) transmite notícias dos três poderes e é veiculada obrigatoriamente por todas as rádios do país. A participação de funcionários da emissora no programa era comum porque, em 1979, ambos estavam sob a responsabilidade da Empresa Brasileira de Notícias (EBN), criada para divulgar os atos do Executivo. Em 1988, a EBN foi incorporada pela Empresa Brasileira de Comunicação (Radiobrás) e, esta, por sua vez, pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC) em 2008. Atualmente, *A Voz do Brasil* é produzida pela EBC Serviços, prestadora de serviço da empresa para instituições públicas e privadas. Embora com menos frequência, por vezes, radialistas da Rádio Nacional ainda apresentam o programa.

Eu fui fazendo amizades e aos poucos fui chegando na rádio. Finalmente, entrei na emissora de 1960 para 1961, com 20 anos, quando surgiu uma vaga na parte técnica e fui contratado como operador de áudio.

Eu dormia na Rádio Nacional porque não tinha lugar onde dormir, não tinha dinheiro para isso. Tinha um barracão atrás da rádio e eu dormia lá. Eu era operador do Meira Filho e ele trabalhou com o César de Alencar. O César de Alencar tinha um estilo de programa rimado e o Meira herdou isso.

Eu e o Leitão éramos os operadores do Meira e ele abria o programa dizendo: “Hoje, na operação, Chico Leitão, Embaixador do Maranhão, e Mascarenhas de Moraes, Embaixador de Goiás”. O Leitão embirrava, largava a mesa e ia embora, mas eu achava bonito. Hoje, não tem mais como separar isso do Mascarenhas de Moraes.

A Rádio Nacional não formava ninguém para uma área específica: ela te transformava num radialista. Não tem uma data em que passei a ser locutor, foi uma coisa natural. Eu fiz sucesso porque eu tinha uma maneira direta de me comunicar com as pessoas.

A maneira de criar um clima descontraído é conversar com as pessoas como elas falam. Quando eu fui para o rádio fazer programas, eu quis fazer aquilo que eu sabia fazer, aquilo que eu tinha vontade de fazer. Eu passei a trabalhar com o ouvinte.

*Mascarenhas de Moraes,
radialista*

Burro e cego

Eu gosto muito de brincar e colocava apelido em todos os colegas e eles tentavam colocar um apelido em mim, mas não pegava. Um dia eu fui colocar o disco na faixa quatro, algo assim. Aí quando o locutor anunciou a música, saiu o final da faixa três e ficou aquele buraco para entrar a faixa quatro. Aí, o locutor: “Tá vendo, esse bicho é burro e além de burro é cego”. Aí, ficou o apelido de Burro Cego.

O tempo foi passando até que me chamavam só de Burro. O tempo foi passando mais ainda, foi Burrinho. E alguns colegas, por respeito, chegavam em mim e me chamavam de Seu Burrinho. “Seu Burrinho, oi, tudo bem?”, “Seu Burrinho, me perdoe, eu não sei o nome do senhor”.

Outra companheira disse: “Eu não sei por que chamam o senhor de Seu Burrinho, podiam chamar de Seu Inteligentinho, que o senhor é inteligente demais (risos).

Um dia, chegou uma funcionária nova e mandaram ela descer para gravar no estúdio do Burrinho. Aí, ela veio, matutando, pensando que podia ser armação.

Aí, abriu a porta bem devagarzinho, com aquela educação, falou assim: “Aqui é onde fica o Seu Cavalinho?” Eu falei: “É sim, pode entrar. Acabei de ser promovido!” Ela: “Como assim?” Eu falei: “Eu era Burrinho e você me chamou de Cavalinho... Fui promovido!”

*Edson Nery, o Burrinho,
supervisor de operações*

Chama o Luciano!

Eu entrei aqui no dia 3 de janeiro de 1972. O diretor era o doutor Américo Fernandes, depois veio o doutor Cavalcante, que foi quem inclusive arrumou para minha mãe a vaga. A minha mãe, que é costureira até hoje, costurando conheceu o doutor Cavalcante, que chegou a ser diretor da rádio. E aí, ela arrumou um emprego aqui na rádio.

Mas eu entrei primeiro que minha mãe. As pessoas confundem, acham que é o inverso. Mas é porque eu era miúdo mesmo, pequenininho.

Quando eu perdi meu pai, nós viemos para Brasília, e com nove anos, eu tinha que trabalhar. E eu comecei aqui lavando os banheiros. Na verdade, eu era um faz-tudo. E como eu era muito miudinho, quando as pessoas precisavam passar os cabos e fios pelos bueiros, gritavam: “Chama o Luciano!”

Eu vivia colado dentro dos estúdios olhando os operadores, locutores. Eu nunca poderia imaginar que seria locutor. Porque o locutor sempre tinha aquela voz bonita, naquela época, mais empostada.

Então você tinha Egner Filho, Celso Freitas, Clemente Drago, Neci de Almeida, Ronan Junqueira. Eu ficava olhando aquele pessoal e pensava: “Que chance que eu tenho?”

*Luciano Barroso,
radialista e jornalista*

Uma promoção nada calculada

Eu fui contratado em 1980 para ser assessor de produção. Passei a produzir o *Eu de cá, você de lá*⁵, que era apresentado pelo Titio Gilvan Chaves e transmitido pela Rádio Nacional de Brasília em cadeia com a Rádio Nacional da Amazônia.

Titio Gilvan teve um problema de saúde e foi a São Paulo para colocar um marcapasso. E eu fiquei substituindo o titio Gilvan enquanto ele foi fazer essa operação. Eu nunca havia sido colocado no ar [na Rádio Nacional de Brasília]. Eu era locutor, trabalhava na Rádio Capital e fazia noticiário lá.

O Titio Gilvan sabia que eu era comunicador. E, na época, na ausência do Titio Gilvan, eles acharam que eu poderia substituí-lo e eu substituí. Nessa substituição, eu procurei colocar o Titio Gilvan em primeiro plano. Sempre que eu entrava no ar, dizia que o programa estava sendo apresentado por mim, mas que o titular era o Titio Gilvan Chaves.

Depois, no dia 16 de agosto de 1985, Titio Gilvan fez uma outra operação e não voltou mais. E, aí, eu fiquei apresentando o *Eu de cá, você de lá* a pedido dos produtores, dos patrocinadores do programa e da própria direção da rádio. E de lá eu fiquei até hoje.

*Luiz Alberto,
radialista*

5. Criado na década de 1970, o *Eu de cá, você de lá* permaneceu até hoje no ar como um dos programas de maior audiência da emissora. Por anos, serviu como ponto de encontro para que parentes se reencontrassem. Hoje, é um programa de música e bate-papo com o ouvinte, entremeadado por notícias do momento. O radialista Gilvan de Assis Chaves (1919-1986), além de radialista, era cantor e teve como maior sucesso a música “Prece ao Vento”. Por carinho dos colegas e autodenominação, era chamado de “Titio Gilvan Chaves”.

O rei do rádio policial

Vim para Brasília na década de 1970 para poder servir na Aeronáutica e acabei ficando por aqui. Eu ingressei na Polícia Militar através de concurso e mesmo na PM, não esqueci meu sonho de rádio. Tanto que eu acabei sendo o locutor da central de radiopatrulha. Eu não tinha nenhuma técnica de rádio, mas mesmo assim o pessoal dizia: “Poxa, você tem tudo para ser, por que você não vai?”. Até que um grupo que fazia um programa muito famoso aqui em Brasília, Os Cobras da Notícia, transmitido pela antiga Rádio Alvorada, me pediu que eu encaminhasse para eles as ocorrências mais relevantes que a radiopatrulha atendia. Então eu fazia os textos e encaminhava. Aí, então, o pessoal me chamou e pediu que eu gravasse também os textos. Um dos diretores da rádio me ouviu e falou: “Contrata esse rapaz”. A partir desse “Contrata esse rapaz”, que foi em 1978, eu nunca mais parei de atuar em emissoras de rádio. Pedi demissão da função militar para poder me dedicar ao rádio. Acabei criando, dentro da Rádio Alvorada, o programa *Na Polícia e nas Ruas*, um programa que tinha como linha editorial os assuntos de polícia e tinha praticamente 100% de audiência. Foi com esse trabalho que eu acabei despertando o interesse de outras emissoras de rádio, entre elas, a Rádio Nacional.

Em 1980, a Nacional de Brasília quis me levar de qualquer jeito. Acabou fazendo um contrato comigo sem eu sequer assinar nenhum papel. Simplesmente eles me pegaram e avisaram: “Olha, você já está contratado e começa a trabalhar a partir do dia 1º”. E eu: “Mas, gente, eu não assinei papel nenhum!”. Só responderam: “Inclu-

sive, a sua conta bancária já está aberta”. Eu fiquei um mês nessa condição. Mas eu estava iniciando um trabalho um pouco diferente na Rádio Alvorada, e então eu abri mão da Rádio Nacional. A Nacional era meu sonho, mas eu achava que tinha que passar por etapas dentro da Rádio Alvorada, onde eu estava deixando a área de polícia e entrando no jornalismo econômico e político. Então, eu preferi permanecer mais, aproveitando a cancha dos profissionais que tinha na emissora, e fiquei por mais cinco anos na Alvorada. Até que surgiu uma outra investida da Rádio Nacional, querendo me levar de qualquer jeito e eu acabei cedendo. Entrei na Rádio Nacional em 1986.

*Valter Lima,
radialista e jornalista*

Rádio Nacional à mesa

A Rádio Nacional tinha uma resenha esportiva, um programa de esporte às 11h da manhã e meu avô almoçava cedo. Eu sentava com ele para almoçar e ele botava o rádio em cima da mesa da cozinha sintonizada na Rádio Nacional. Eu entrei na Rádio Nacional de Brasília em 1986 e já tinha uma equipe na rádio. Entrei para fazer um teste de microfone, mas eu não podia usá-lo: era só para ver se eu conhecia. Eu fiz o teste com mais 11 caras e eu tirei o primeiro lugar. Aí falaram: “Fica com a gente aqui. Vamos ver o que a gente vai arrumar para você. A gente quer você por perto”. Eu entrei como um “rasgador de papel”, como se fosse um auxiliar de assistente do terceiro produtor, era mais ou menos isso. Em um ano, eu já estava no microfone. Fui repórter es-

portivo por muito tempo. Meu avô era ouvinte assíduo da Rádio Nacional e, por vontade de Deus, faleceu antes que me ouvisse lá.

*André Luiz Mendes,
radialista*

O ouvinte entra no ar

Desde criança eu já ouvia a Rádio Nacional, em razão da força que tinha o esporte na emissora. Então me lembro bem de quando eu ia visitar meu avô na fazenda dele e ele, flamenguista, ouvia os jogos pela Rádio Nacional. Quando criança eu ouvia muito o Luiz Alberto, e também quando ainda era o Titio Gilvan Chaves, que foi quem idealizou o *Eu de cá, você de lá*. Isso ainda nos idos dos anos 1980. E a Rádio Nacional sempre foi algo inatingível, intangível, algo como “será que a gente um dia vai conseguir participar de algum programa ou trabalhar na Rádio Nacional?”. Eu sou do primeiro concurso público da emissora pós-Constituição de 1988. O concurso foi realizado em 2001, concluído em fevereiro de 2002 e homologado em 2004. Quando surgiu, foi uma oportunidade única. Naquela ocasião, eu me dediquei e esforcei ao máximo para integrar essa equipe de comunicadores. Entrei, no primeiro momento, como locutor noticiarista.

*Miguelzinho Martins,
jornalista e radialista*



A cara
da rádio
construída

DIARIAMENTE, À HORA DO ALMOÇO, OS CANDANGOS, SEGU-
rando a marmitta com uma mão e o garfo com a outra,
sentavam-se ao lado dos rádios de pilha e silenciavam
para ouvir as crônicas de Clemente Luz.

Por alguns minutos, Brasília parava para ouvir
histórias sobre ela própria. Na Rádio Nacional, o ra-
dialista falava sobre o trabalho dos pioneiros, os prédios
que eram erguidos e a dinâmica da cidade que surgia e
misturava à realidade difícil, um pouco de poesia e fan-
tasia, como na crônica *Encontro matinal*:

“O Pequeno Príncipe saiu do livro e sentou-se à beira
da mesa onde eu me preparava para trabalhar. Olhou-
me com seus olhos profundamente azuis e perguntou-
me:

- O que é que você está fazendo?
- Trabalhando – respondi-lhe.
- Com o quê?

Mostrei-lhe a máquina de escrever, o papel, o teclado
e lhe expliquei o meu trabalho.

Não ficou satisfeito. Perguntou de novo:

- Mas isso não é tudo. Com que é que você trabalha?

Respondi-lhe, seco:

- Com as palavras!
- Como?

Com paciência, expliquei:

- Eu coleciono as palavras no papel, na ordem necessária
para a fixação das idéias, e no fim, escrevi alguma coisa...
- Para quê? – perguntou o Príncipezinho.
- Ora, para que os outros escutem ou leiam.

O Príncipezinho coçou a cabeça, ficou pensativo e,
de repente, agitou os louros cabelos e falou:

Foto: Inezita
Barroso canta
no auditório da
Rádio Nacional
de Brasília; na
platéia, trabalha-
dores e o presi-
dente JK (crédito:
Mário Fontenelle/
Arpdf)

- Vi muitos homens revolvendo a terra, vi uns mons-
tros esquisitos rasgando vãos na terra e vi outros ho-
mens dependurados de umas armações vermelhas. Vi
também coisas redondas, coisas bonitas, inclusive uma
coisa leve, leve, pousada no chão, com jeito de navio...

Fez uma pausa e perguntou:

- Que é que esses homens estão fazendo?
- Uma cidade – respondi-lhe – E aquilo que tem jeito de
navio é o Palácio. E é sobre essa cidade que eu escrevo.

Ele riu seu riso claro e disse:

- Engraçado, no meu planeta isso não seria possível...
- Por quê? – perguntei.

Ele não respondeu e prosseguiu:

- Estão construindo uma cidade... Para quê?
- Para mudar a sede do Governo.

Perguntou:

- Para quê?

Dei-lhe uma longa explicação, falei da necessidade
de interiorização da capital, etc e tal. O Pequeno Prín-
cipe, sem curiosidade, olhou-me e disse:

- Tudo isso é muito importante, não há dúvida! Mas o
mais importante é a gente ter o coração limpo de ódio,
cheio de amor, para receber uma cidade nova como esta
que está sendo construída... o essencial de tudo não é
aquilo que a gente vê, mas aquilo que a gente sente da
ponta dos cabelos até ao fundo da alma...

Dizendo isto, meteu-se entre as folhas do livro e foi
cuidar de sua rosa, no seu pequeno asteróide.

Voltei, sem espanto e nem desespero, ao meu humil-
de trabalho de domesticar palavras, para contar coisas
sobre a cidade que nascia...”⁶

As crônicas de Clemente Luz são símbolo do começo

6. Este e outros
textos encon-
tram-se no livro
*A Invenção da
Cidade*, de 1967,
coletânea das
principais crôni-
cas de Clemente
Luz lidas na Rádio
Nacional de
Brasília.

da programação da Rádio Nacional de Brasília, que, até 1963, manteve-se como sinônimo de comunicação radiofônica na cidade. Nos primeiros anos da cidade, a Rádio Nacional de Brasília atuava, fundamentalmente, em dois eixos de atuação: integração e entretenimento.

O entretenimento era pautado pelos programas de auditório, que reacendiam na nova capital a cultura da década de ouro do rádio. Passaram pelos estúdios da Nacional de Brasília de artistas de renome aos desafiados calouros, aclamados por um auditório apinhado de gente.

Eram programas que se estendiam por horas e colocavam o povo simples para impostar sua voz no rádio. Em seus primeiros anos, a Rádio Nacional foi descobrindo sua identidade e sua maneira de fazer rádio: das vinhetas à locução dos apresentadores, a emissora se consolidava e criava, aos poucos, sua marca entre os ouvintes, que a colocavam nos lugares mais altos da audiência local.

E integração porque ainda era a portadora de recados dos candangos para quem estivesse longe – e assim se manteve ao longo de suas primeiras décadas de funcionamento. Em 1976, a Rádio Nacional de Brasília foi incorporada à recém-criada Radiobrás, que tinha como função divulgar as realizações do governo federal nas áreas econômica, política e social. Sob a responsabilidade da estatal, passou a ecoar de Norte a Sul do país depois da inauguração de um novo parque de transmissão, em 1977, que existe até hoje, no caminho de Brasília para Brazlândia. Foi então que a Nacional de Brasília começou a operar com uma característica bastante peculiar: de manhã, ela era transmitida com

50 kW de potência pelo antigo transmissor localizado no Setor de Indústria e Abastecimento (SIA). À noite, o novo potente transmissor de 600 kW levava a programação da emissora para todo o país.

Em plena ditadura militar, a intenção primeira da supertransmissão era fazer com que a mensagem de Brasília alcançasse regiões que não eram cobertas pelas rádios brasileiras, como certos lugares da Amazônia, evitando as investidas comunistas vindas de países como Cuba. Para o caboclo no meio da mata, era mais fácil ouvir a mensagem de Fidel Castro do que as notícias da nova capital.

Se por um lado, a Rádio Nacional serviu para levar a mensagem oficial do regime militar, por outro, ao se fazer ouvir por toda a extensão do território brasileiro, permitiu que um país inteiro se encontrasse em uma mesma frequência. Dentre os desafios dos primeiros anos, estão a consolidação no cenário regional e nacional da radiodifusão, a convivência com o regime de exceção e a busca de uma identidade própria, distanciando-se da Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

Os registros dos primeiros programas da Rádio Nacional de Brasília se perderam ao longo do tempo. Preciosidades como as crônicas de Clemente Luz ou as tardes do *Programa do Meira Filho* existem apenas na memória de quem acompanhou as primeiras transmissões da emissora.

Pelo microfone, noções de saúde

Cheguei em Brasília no dia 4 de dezembro de 1956. Não havia praticamente nada, apenas o acampamento da Novacap e o Catetinho. Vim prestar assistência médica para os candangos. Fiquei instalado no Catetinho até o barraco de madeira ficar pronto. Fazia o atendimento e os exames admissionais dos operários. Passei seis anos atendendo em barracão até que o hospital ficasse pronto.

A inauguração da rádio foi interessante, eu fui lá. Logo me convidaram para fazer um programa. A proposta, inicialmente, era para que eu fizesse uma propaganda da minha clínica, já que a rádio já enfrentava dificuldades financeiras.

Mas eu preferi fazer o programa. Eu levava as enfermeiras e pessoas que conheciam de culinária infantil, orientava as mães sobre alimentação balanceada para as crianças. Eu gostava de estimular a amamentação materna, que é a ideal. Depois, tive que deixar o programa porque o trabalho no hospital e na clínica estava muito intenso.

*Edson Porto,
médico*

O primeiro disc-jóquei da capital

Eu apresentei a Discoteca do Ouvinte, que era de segunda a sexta-feira, das 4 às 5 da tarde. Vou lhe dizer: eu fui o primeiro disc-jóquei de Brasília. Esse termo já acabou. Disc-jóquei era o camarada que incrementava as paradas de sucesso, punha sucesso no ar. Audiência to-

tal no Plano Piloto e cidades satélites. E eu recebia carta de Minas Gerais, Goiás, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul... Era realmente uma maravilha a gente poder responder os ouvintes, informar tudo sobre a nova capital.

Falando ao Brasil era aos sábados, com uma hora de duração. Nesse programa, eu me comunicava com Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás... Prefeitos e líderes comunitários me escreviam. Eu dava notícias, falava sobre as necessidades daquelas cidades.

*Zair Cançado,
radialista*

De portas abertas e auditório cheio

Na Nacional antiga, nós tínhamos programas de auditório. As portas eram abertas, ninguém pagava nada. Enchia que ficava gente do lado de fora. E com aquelas caixas acústicas enormes, lá da W3 a gente ouvia. E as pessoas vinham de Taguatinga, Gama, Planaltina, Formosa, Sobradinho, Núcleo Bandeirante.

Vinham para se divertir, participar, pelos prêmios, para cantar nos concursos de calouros. A Nacional era a única alegria que o brasiliense tinha naquela época. Porque não tinha Parque da Cidade, nada. Tinha obra, construção, prédio, “esqueleto”, assento de chão, só.

*Clemente Drago,
radialista*

A rádio era o telefone da época

Nós tínhamos um programa de auditório aos domingos, feito ao vivo, com capacidade para 400 a 450 pessoas. E dava abertura para que o candango ocupasse o telefone. Aí ele dizia: “Eu sou o Joaquim, de Limoeiro, filho de fulano e da fulana”, algo assim. “Mãe, se você estiver me ouvindo, estou avisando que vou mandar o dinheiro daquele modo que expliquei para a senhora. E a senhora fala para o meu irmão para ele vir para cá que eu arrumei emprego para ele”. E, assim, já fazia o chamamento do irmão dele.

Na Orquestra da Nacional, nós tínhamos um trio de músicos de Uberaba: João Tomé, completamente cego, nunca viu na vida; Gilson, que tocava piano, acordeon; e Valter, que tocava bateria. Era o trio musical da Rádio Nacional, que saía com muita facilidade para tocar em qualquer local.

Quando dava o sábado de manhã, a gente ia com esse trio no caminhão para o acampamento Pacheco Fernandes, por exemplo, fazer lá a *Rádio Nacional no Seu Acampamento*, com o artista mexicano Fernando Lopes, a cantora Glória Maria, a rumberia Selma Costa, o palhaço Cacareco... E a rádio transmitia. Tinha equipamento para fazer transmissão. E lá nós entregávamos mais uma vez o microfone para o pessoal. “Fala, candango!”, e ele falava, recitava uma poesia...”

*Fernando Lopes,
cantor*

Músicas de sucesso no Brasil todo

Eu fazia vários programas, o mais famoso se chamava *Grande Parada Nacional*, em que eu falava com o Brasil inteiro para saber as músicas que eram mais tocadas e com algumas rádio do exterior também, da Argentina, Estados Unidos... Tinha uma três do exterior que a gente falava. Era tudo pré-gravado, obviamente.

Eu começava o programa e falava: “Vamos agora, no Rio Grande do Sul, falar com o programador da rádio tal”. E a pessoa falava: “Bom dia, a música mais tocada aqui é a tal”. Aí tocava. Depois a gente falava com programador da Rádio Tupi do Rio, da Bandeirantes de São Paulo, e depois: “Vamos falar com a rádio tal de Boa Vista”. Dava um trabalhão danado. Mas eu sempre gostei de coisa difícil. Eu falava: “o fácil todo mundo faz”. Eu fazia o mais difícil e foi assim a carreira toda.

*Edson Vitorino,
radialista*

“Estamos muito bem protegidos”

Comecei na Rádio Nacional quando ela tinha acabado de se transferir para o início da W3 Sul. Eu trabalhava como locutor e apresentador. Meu programa era sobre tudo que você podia imaginar com relação à construção da cidade, especialmente um programa de recados. Daqui para o Nordeste, do Nordeste para cá, onde chegava a Rádio Nacional tinha sempre alguém da família aqui em Brasília. O programa se chamava *O dia começa com música* e ia das 5h às 9h da manhã.

Já o *Programa do Meira Filho* era um programa de auditório, aos sábados. Era um programa que começava às 2h da tarde e acabava às 8h da noite. Aqui teve uma época áurea de cantores que vinham do Rio de Janeiro e de São Paulo para se apresentar aqui. Dalva de Oliveira, Nelson Gonçalves, Jamelão, Emilinha Borba, esse povo todo. Eu chamava as pessoas para fazer graça, contar histórias engraçadas, fazer imitações: passarinho, macaco, cachorro, tudo. O sábado era para alegrar a moçada. O pessoal gostava. Quando o programa terminava, a W3 ficava cheinha, entupida de gente.

Eu tinha um quadro dentro do meu programa que se chamava *Taguatinga vai bem, obrigado*. Eu fazia um relato das atividades da cidade e contava para o Brasil inteiro sobre o que Taguatinga estava fazendo em prol da construção de Brasília. E eu estava no estúdio, me preparando para começar o programa, quando chega um coronel do Exército para falar urgentemente comigo. Ele disse: “Olha, o presidente João Goulart necessita falar com o senhor o mais rapidamente possível”. Respondi logo ao coronel: “Mas eu não posso, eu vou fazer um programa agora. Vai entrar no ar daqui a pouco!”. “Não importa o programa. O que importa é que o presidente quer falar com o senhor. E é agora e é urgente!”

Eu não tive outro remédio. Larguei o programa, botei um substituto e fui com ele no caminhão, no carro do Exército para o palácio. Cheguei no palácio e o presidente João Goulart me recebeu muito bem, muito educadamente. Sentamos juntos e ele me falou: “Tchê, mandei te buscar porque tu tens um programa na Rádio Nacional que precisa sair do ar hoje”. E eu falei: “Mas presidente, a gente vive em função disso. O

departamento comercial da rádio vive em função disso. Se eu tirar o programa do ar, a rádio vai sentir”. E ele falou: “Não, não importa. É que tu, quando começa o programa, tu dizes: ‘Taguatinga vai bem, obrigado’, ‘Tagua-tinga é a cidade que mais cresce no Brasil’. Sabe o que está acontecendo? Taguatinga está recebendo caminhões e mais caminhões de pau-de-arara, trabalhadores braçais que vêm com as suas famílias para cá e não tem lugar para essa gente. Como é que nós vamos fazer com essa gente? Tu não podes mais continuar com esse programa, porque está chamando o povo para vir para cá. A coisa só vai parar se você parar o programa e vai parar a partir de hoje”. O programa saiu do ar e eu, mais uma vez, senti a importância e o grande valor que o rádio tem em nosso país continental.

Até a revolução de 1964, eu trabalhei na Rádio Nacional. Eu cheguei para trabalhar de manhã no dia em que estourou a revolução e o Brasil inteiro ouvia por aí [os rumores]. E eu abri o programa falando: “Hoje nós estamos trabalhando aqui com absoluta segurança. Porque do meu lado, tem um sargento com uma metralhadora, e ali, com o operador, temos dois soldados, cada um com um fuzil. Então, nós estamos seguros e muito bem protegidos”. Nesta altura, o Brasil inteiro tomou conhecimento que a Rádio Nacional estava ocupada pelos militares. Eu sabia conviver com este pessoal porque eu fui soldado e tive uma carreira militar brilhante, cheguei a ser cabo do Exército Brasileiro. Eu tinha que passar tranquilidade para as pessoas, o que que você ia fazer?

*Meira Filho (1922-2008),
radialista*

A censura no dia a dia

Durante a ditadura, eu trabalhei muitas vezes com pessoas do meu lado, um tipo de censor. Aqui teve uma época que veio um sargento mandar na gente. Eu ia ler uma carta e não podia, ele tinha que ler a carta antes.

*Mascarenhas de Morais,
radialista*

Criando uma identidade sonora

Eu cheguei em 1972. Meu irmão trabalhava na Rádio Nacional, Darley Tavares, que fazia um programa de manhã que se chamava *Nossa alma, nossa gente*. Ele e o Burrinho. Era uma audiência... Ele era chefe da parte técnica e me perguntou se eu tinha interesse... Eu ficava 24 horas dentro da emissora. Ficava de madrugada, à noite, fazendo programa. Aí, logo depois, saí de operador de áudio e fui para estúdio de gravação. Aí, eu produzia tudo da rádio. Eu fazia abertura de programas, de vinhetas, comerciais, chamadas, tudo. Gravava e ainda dirigia também, né? O locutor chegava e dizia “Rádio Nacional” de um jeito e eu dizia “Não, não é assim que eu quero é de tal jeito”. Então, eu via o texto, a locução, a trilha... tudo para fazer uma vinheta bem elaborada. E ficava isso durante muito tempo no ar. E era uma marca. Você saía lá fora, ouvia uma vinheta e identificava: “É a Rádio Nacional”. O sinalzinho da hora certa dava eco. Eu criei isso daí. Tinha uma vinheta assim: “Não importa a distância. Nosso som é local em todo o Brasil”. E outra assim: “Na cidade, na beira do rio, no meio da

mata...” Ainda roda, mas isso é de 1978, mais ou menos! E a abertura dos jornais, *Jornal Nacional*, *Nacional Informa*, até mesmo *A Voz do Brasil*. Quando foi criada, eu fiz toda a “roupagem” d’*A Voz do Brasil*.

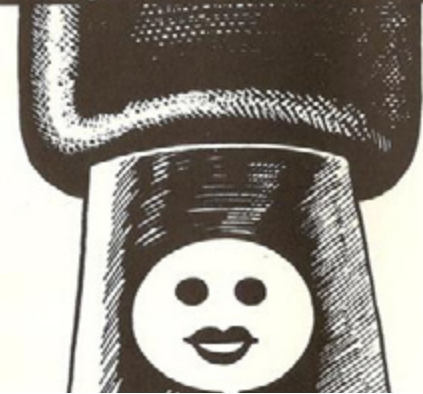
Eu fiquei na Nacional AM até 1974, depois fui para a Nacional FM e fiquei até 1990. Hoje, eu faço tudo para a empresa toda. Sempre foi assim. Na FM tinha o melhor estúdio, então você produzia tudo para a empresa, tanto para a FM, quanto para a AM e Ondas Curtas.

*Marcos Tavares,
sonoplasta*

4

VIVA MARIA

Um Programa da Rádio Nacional de Brasília, Uma Emissora Radiobrás



Entre o
espetáculo e
a informação

NO FINAL DA DÉCADA DE 1970 E DURANTE A DÉCADA DE 1980, ainda sob o regime de exceção, o rádio de entretenimento era o carro-chefe da emissora, realizando em Brasília os mesmos concursos de calouros, grandes shows e transmissões em auditório que marcaram as décadas de ouro do rádio. Apesar de flertar com um modelo radiofônico aparentemente superado, o público brasileiro mantinha-se fiel ao espetáculo. Havia uma íntima relação com a audiência, estreitada a cada concerto de aniversário nos estádios do Distrito Federal ou nova edição do *Piscina Show*, evento realizado no Parque Olhos D'Água. Embora pudesse falar para quase toda a extensão do território brasileiro, a Rádio Nacional fazia questão de ser, primeiramente, de Brasília.

É justamente neste período que a rádio começa a segmentar, de forma mais planejada, a sua programação, com o objetivo de atender a diferentes públicos e permitir variadas formas de expressão comunicativa. Na Nacional AM, predominava o rádio-diversão, mas a programação musical permitia-se ser mais plural, abrangendo a música caipira, a chamada “música brega”, a bossa nova e o emergente movimento rock'n roll que surgia na capital federal. Mas ao mesmo tempo, havia espaço para as reivindicações das mulheres e para a utilização do rádio para a mobilização social no programa *Viva Maria*. A chegada do modelo da revista radiofônica, pautado exclusivamente em jornalismo, surpreende.

Durante estas décadas, portanto, a Nacional realiza, simultaneamente, dois movimentos distintos. Primeiro, ela revive o rádio-espetáculo, replicando, com sucesso, fórmulas pouco utilizadas desde a “fase de ouro” do rádio. Segundo, ela antecipa discussões, como a represen-

Foto: Livro de poesias enviadas por ouvintes do *Viva Maria* prova a íntima relação do público com a emissora (crédito: Reprodução)

tação e a democracia no rádio, especialmente em uma rádio pública. Esta diversificação acaba oferecendo ao ouvinte uma programação melhor e mais completa, que, ao mesmo tempo, atende e ilustra distintas realidades.

Também neste período surge uma nova prioridade a cada palavra irradiada: a necessidade da informação. A gestão de Eduardo Fajardo à frente da emissora começa a alterar a cultura do rádio desprezioso e começa a incluir em suas transmissões conteúdos que pudessem educar, formar, instruir ou prestar serviço.

A repressão velada

Tinha uma lista de músicas proibidas. A maioria delas, o disco já chegava na rádio sem as músicas e a gente sabia porque era informado. Outros discos vinham com a faixa riscada, parecia que tinham passado um prego para que ela não pudesse rodar. E na maioria eram discos do Chico Buarque. Uma das músicas que eu me lembro bem, porque morria de curiosidade para saber como é que era e por que tinha sido proibida, era *Apesar de Você*. Outra era a famosa *Para Não Dizer que Não Falei de Flores*, do Geraldo Vandré, que era de 1968, mas até o começo dos anos 1980 não existia esse disco na rádio e as pessoas que tinham esse disco escondiam, não mostravam. E esse disco foi reeditado e distribuído para as rádios logo depois da ditadura.

Carlos Senna,
radialista, jornalista e coordenador
da Rádio Nacional FM de Brasília

O “Big Boy” do cerrado

Em 1979, eu era operador de rádio, já estava passando para a sonoplastia. E a programação da rádio era aquela programação de “ouvimos, vamos ouvir, vamos deixar de ouvir”, sabe, aquela coisa lenta? E aqui tinha um diretor, o Eduardo Fajardo. E ele falou: “Cria alguma coisa”. E eu gostava muito do Big Boy⁷, aquele “*Hello, crazy people!*” E eu pensei: por que não ter um programa com essa linguagem, mas com a música do Amado Batista? Porque Big Boy só tocava músicas internacionais. Aí, eu entrei no estúdio e fui procurar um amigo que hoje não trabalha mais na rádio, o Pereira Lima, pra ele fazer a locução. E ele não estava, tinha ido num supermercado comprar pão. Aí, eu chamei Del Nery, que também era operador de áudio e ele até tentou, mas disse: “Não, faz você, que você é que sabe qual a idéia que você quer”.

Aí, eu entrei no estúdio. Me lembro até hoje que eu cunhei uma frase que depois foi para o Brasil todo e que até hoje algumas pessoas usam. Eu entrei no estúdio e falei: “Vem aí, Amado Batista, o mais amado do Brasil!” e a música era *Desisto*, se não me engano. Levei ao Eduardo Fajardo, Carlos Senna estava perto também. O Fajardo ouviu e falou: “Você estréia hoje”.

O programa foi uma loucura na cidade. Recebia mais de 14 mil cartas por mês, uma coisa de louco. Não tinha conteúdo, eram as músicas mais pedidas da rádio. E desse programa que era o *Mini Parada Nacional*, de uma hora só de abobrinha e música, surgiram programas maiores: *Geração Colorida*, depois passou para *Show da Tarde*. Eram programas sem conteúdo ne-

7. Newton Alvarenga Duarte (1943-1977), o Big Boy, foi um dos mais importantes disc-jóqueis de sua época. A forma irreverente como saudava os ouvintes (“*Hello crazy people!*”) da Rádio Mundial AM, do Rio de Janeiro, virou sua marca.

nhum, só abobrinha mesmo, só entretenimento. O *Show da Tarde* chegou a ocupar de meio-dia às 18h, uma loucura. Diariamente.

Eu não sofri com censura. Por que eu não fui prejudicado ou perseguido? Porque eu só falava abobrinha! E eu lembro que chegava o chefe e dizia: “Você pode falar disso, não pode falar daquilo”. E pronto. Eu não tinha acesso a certas informações. A Rádio Nacional pode até ter sofrido com a censura, mas na cúpula. Caramba, eu era um garoto e relativamente alienado. Eu não vou negar isso.

Uma vez eu fiz um comentário, de uma carta que uma menina mandou. O pai dela era muito repressor. E eu perdi as estribeiras e falei, de forma tão inconsciente: “Olha, procura dialogar com seu pai, porque ele está parecendo um general” (risos). Aí, na hora que eu falei eu percebi! Pensei: “Jesus amado...”. E naquela época, a Rádio Nacional fazia eco em Brasília, era liderança total. Não deu meia hora, chegou um cara fardado no estúdio. Eu olhei e pensei: “Lascou!” Ele só me olhou – eu tinha cara de menino na época – e perguntou: “Você conhece um general?”. “Não, senhor”. E ele: “Eu sou um”. E eu: “Sim, senhor”. Aí, ele chamou o meu chefe, o Eduardo Fajardo, deu uma esculhambada geral e eu nunca mais vi esse cara e nunca mais vi um general na vida (risos)! Mas foi só isso, mais nada.

Na década de 80, a rádio também fazia shows. Não era só em estádio, era no meio da rua, em todos os lugares. Nunca se cobrava nada, sempre de graça. No aniversário da rádio ou alguma data importante, mas principalmente no aniversário da rádio. Eu me lembro de um que foi feito aqui na W3, na frente da rádio. Olha,

tinha lá umas 5 a 6 mil pessoas. Era uma coisa de louco, a gente arrastava multidões, era uma coisa fantástica. Eu me lembro de um que teve Agnaldo Timóteo, Ângela Maria, vários artistas importantes...João Viola, Ângelo Máximo. Eram os artistas da época. Nós chegamos ao delírio de tentar Roberto Carlos, mas nunca conseguimos.

*Luciano Barroso,
radialista e jornalista*

Enquanto isso, na “cúpula”...

Eu era chamado constantemente. Tinha uma figura muito querida, o General Lourival Massa da Costa, que foi presidente da Radiobrás. Às vezes, ele me chamava, porque eu sabia que eu dizia certas coisas que não podiam ser ditas e eu era chamado para me explicar. Ele não me botou na rua por várias vezes porque ele gostava muito de mim. Ele falava: “Fajardo, o que você quer? Quer que eu te coloque na rua ou quer que eles me demitam”(risos)? E dava um bronca daquelas! E eu, “General, o senhor tem que entender...”E a gente ia levando. Passava um tempo, lá me chamava de novo e as coisas iam acontecendo. O general me absolvía nessas coisas porque ele via o esforço que a gente fazia para realizar outras.

Por exemplo, uma coisa que nós fizemos e que foi sensacional, foi a festa dos 25 anos da Rádio Nacional, em que nós trouxemos, 30 artistas, Dicró, Amado Batista, artistas populares, bem ao gosto do povão. Todos mandados pelas gravadoras. Porque quando eu assumi a

direção da rádio, não tinha jabá comigo, eu não deixava ter jabá. E todo mundo tinha a obrigação de tocar as músicas, não era só aquela musiquinha que a gravadora queria, “pra pegar”. A gente tocava aquela, mas tocava as outras. E as gravadoras, apesar disso, responderam ao nosso chamado e mandaram seus castings para Brasília. Foi tudo completamente de graça, e enchemos o Peleção [antigo estádio de Brasília, já demolido] com 60 mil pessoas. E os apresentadores fazendo as chamadas para os shows. E aquilo foi um trabalho danado. Eu fiz também o primeiro *Piscina Show*, nos 26 anos da rádio, foi na Água Mineral. Montei um palco na maior piscina da Água Mineral. Houve um concurso de calouros onde a Cássia Eller se apresentou e ganhou.

Todo sábado a gente escolhia uma cidade satélite e fazia um programa dessa cidade. E levávamos os artistas, mas aproveitávamos os artistas locais também. O objetivo era divulgar a cidade-satélite, vamos supor, Sobradinho: conversava com o administrador de Sobradinho, falava o que tinha lá, falava com as pessoas, “Está aqui a Dona Fulana que planta a melhor alface de Sobradinho”. Aí, tinha um repentista lá, que se apresentava. Então a gente divulgava aquelas coisas. E geralmente, isso terminava em um grande “banquete”, para ir no “Bar do Fulano” comer um tatu com farinha amarela, aquelas coisas de quando as pessoas são muito gratas e querem homenagear.

Para mim, a chave do sucesso da rádio, foi a programação que nós montamos. Ela atendia o jovem, com o Luciano Barroso, atendia a mulher, com a Mara Régia, atendia ao sertanejo, ao povão, de manhã cedo, com um forró, um sertanejo. Então os segmentos da família

eram atendidos. E a gente sempre procurava divertir informando. E tinha a preocupação de educar a população sem carimbar que era educação. Colocar uma coisa em termos de cidadania, higiene, dicas desse tipo para as pessoas irem pegando. Todo intervalo da rádio tinha umas vinhetas disso. Então, os programas foram moldados nesse sentido, você tocava música, você brincava, mas sempre dando informação.

*Eduardo Fajardo,
radialista e ex-diretor da
Rádio Nacional AM de Brasília*

Viva Maria: um filho que deu certo

O *Viva Maria*⁸ aconteceu nas ondas sonoras da Rádio Nacional AM em fins da década de 1970. O embrião surge em 1978 e ele nasce com o formato que depois se fortaleceu em 1979, como uma revista radiofônica. O convite veio do Eduardo Fajardo, que tinha um espaço disponível na grade para que a gente ocupasse. E me lembro até hoje que, quando ele me fez o convite, eu disse: “Só se for para fazer um programa para mulher! Pode ser?”. Ele falou: “Pode, pode ser sim. Vamos colocar também um homem junto com você para as mulheres se apaixonarem por ele”. Essa fórmula não deu certo porque o perfil do *Viva Maria* prescindia de uma voz de mulher para ancorar esse programa. Uma voz para que a gente pudesse falar das nossas especificidades, para que a gente pudesse abrir o nosso coração. A gente veio com uma proposta inovadora de fazer um rádio-mulher.

O *Viva Maria* ficou no ar de 1979 a 1991 e era ao vivo. Surgiu inspirado na música de Milton Nascimento, que na época estava emprestando sua voz e sua garganta dourada a uma performance daquele grupo de Belo Horizonte – O Corpo – que chegava à Brasília com *Maria, Maria*. Nosso programa nasce sob a inspiração dessa voz, que depois, com a morte de Elis Regina, passa a ter sua vinheta na voz da nossa “Pimentinha” inesquecível. O rádio me possibilitou, dentre outras coisas, entrevistar o próprio Milton Nascimento e cheguei a beijá-lo em agradecimento por emprestar *Maria, Maria* para a gente colocar nosso programa no ar.

Quando o *Viva Maria* começou, tinha também a *TV Mulher*⁹ e naqueles moldes, não tenho notícia de programas que tenham seguido aquela linha editorial. Infelizmente, programa para mulher, salvo honrosas exceções, ainda são revistas radiofônicas cheias de perfumaria. É horóscopo, fofoca da televisão, é o personagem, é isso ou aquilo.

O *Viva Maria* foi um filho que deu certo. Ele deu a sorte de estar no lugar certo, na hora certa. Brasília, anos 80, aquela efervescência política, a abertura, a luta das mulheres ganhando terreno. O momento histórico era outro. Nosso rádio era o rádio de mobilização: “Hoje vai ter uma votação importante, a gente tem que ir lá para o Congresso Nacional! Marias de Brasília, vamos lá, vai votar a lei da paternidade, cinco dias de licença”. Imagina você falar isso no começo dos anos 1980 era um acinte, uma aberração! Homem participar de maternidade? E a gente: “Filho não é só da mãe!”. E era lindo você chegar no Congresso e encontrar as nossas “maricotas” lá, irmanadas, falando: “Nosso direito vem,

8. O programa se tornou referência na luta das mulheres latinas. No Distrito Federal, por meio da mobilização do programa, foi criada a primeira Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher no início da década de 1990. Em congresso realizado em San Bernardo, na Argentina, em 1990, a data de nascimento do *Viva Maria*, 14 de setembro, foi escolhida como o Dia Latinoamericano da Imagem da Mulher nos Meios de Comunicação.

9. A *TV Mulher* foi um programa feminino da Rede Globo exibido entre 1980 e 1986. Era levado ao ar pela manhã, de segunda a sexta, e teve diversos apresentadores ao longo de sua trajetória, entre eles, Marília Gabriela, Marta Suplicy e Clodovil Hernandez.

nosso direito vem, se não vem nosso direito, o Brasil perde também”.

Foram 12 anos intensos, de muito trabalho e, felizmente, durante a gestão do Eugênio Bucci, nós voltamos com o espaço do *Viva Maria* já revisitando toda nossa trajetória e festejando nossa cidadania. A gente hoje só tem três minutos, mas temos que fazer que nem Garrincha: em qualquer metro quadrado, marcar o gol.

*Mara Régia,
jornalista e radialista*

Perto de um fogão caipira

Quando o Titio Gilvan Chaves morreu, me chamaram na diretoria. Eu pensei, “bom, vão acabar com o programa, porque ele é a cara do Titio Gilvan, não tem porque eu ficar apresentando”. Aí, eles disseram que o patrocinador gostaria que eu ficasse no programa e que para a rádio também não tinha problema nenhum e perguntaram se eu gostaria de apresentar.

E eu: “Claro! Quem não quer apresentar um canhão desses?”. Aí, eu falei: “Olha, eu gostaria de mudar um pouquinho a linha editorial do programa, a linguagem...”. E eles falaram: “Como assim?”. E eu: “Queria algo como se eu estivesse sentado no rabo de um fogão caipira na fazenda, conversando com as pessoas do jeito que elas falam...”. “Ah, faz do seu jeito lá que nós vamos ver no que vai dar”. E aí eu fiz do meu jeito e deu certo. Na minha carreira de radialista, foi o maior presente que eu ganhei.

O que eu aprendi com o Titio Gilvan Chaves, que foi

o titular, é que, quando eu estou apresentando o programa, eu me transporto para o ambiente do ouvinte. Por exemplo, eu estou falando com o ouvinte que está na sua fazenda, eu me transporto para aquele ambiente.

Eu estou falando com o caminhoneiro, eu me transporto para a cabine do caminhão, e procuro falar a linguagem deles. Talvez seja isso o sucesso, mas eu acredito também na honestidade que você tem com o ouvinte. E por dar o espaço que ele merece, como cidadão todas as vezes que ele procurar a rádio, participar por telefone ou escrever. A gente coloca ele sempre em primeiro lugar. Acho que esse é o sucesso: colocar o ouvinte em primeiro lugar como cidadão.

Hoje, o que eu mais gosto é de falar com ouvinte no telefone. Você fala “Alô” e não sabe de onde vem a resposta, aí você pergunta e o cara está lá no Oiapoque. De repente, você está falando com um cara do Rio de Janeiro, do Piauí, depois você fala “Alô” e o cara está lá no Bico do Papagaio... é o momento que eu me sinto melhor no programa.

A gente já ajudou muito no reencontro de pessoas desaparecidas e o *Eu de cá, você de lá* serviu muito como ponto de informação do cidadão. Tem um serviço interessante que a gente presta ao cidadão que é informar os repasses do governo para as prefeituras. Os ouvintes já se acostumaram a ligar para saber quanto que foi repassado para a sua cidade, e a gente tem o site do Tesouro Nacional aberto no estúdio e passa na hora.

*Luiz Alberto,
radialista*

Um estilo diferente de rádio

Em 1986, quando eu cheguei na Rádio Nacional, me foi dada a titularidade do *Revista Brasil*. Começou como *Revista Nacional*, criado na gestão do jornalista Carlos Zarur, que era o chefe do radiojornalismo. Era um programa que abordava assuntos nacionais, internacionais, políticos, econômicos. Com muita entrevista, sem música. Era um estilo diferente, que o pessoal que estava acostumado com o rádio tradicional da época, não acreditava que poderia avançar.

Quando o *Revista Brasil* estreou, teve gente que falou: “Você só vai durar um mês à frente do microfone!”, porque eu sempre fui contundente. Eu sempre apertei muito os entrevistados e quando eu falo apertar, é buscar aquilo que você tem que extrair do entrevistado. A rádio não tinha muito essa tradição de entrevista. Não era uma coisa chapa-branca, mas era superficial.

A gente começou a fazer o programa e ele era mutante, mudava no sentido de acompanhar a evolução do tempo. O *Revista* é um programa que não pára no tempo. Se tivesse parado, já estaria fora do ar. E está completando 28 anos.

O *Revista Brasil* acabou sendo um programa nacional. Eram mais de mil emissoras de todo país em cadeia com o programa. O horário do programa sempre foi de 8h às 10h da manhã. Mas, com essa mutação, chegou a começar às 7h e fechar ao meio-dia. O *Revista* acabou ganhando essa dimensão por conta da abordagem dos assuntos aos quais se dedicava.

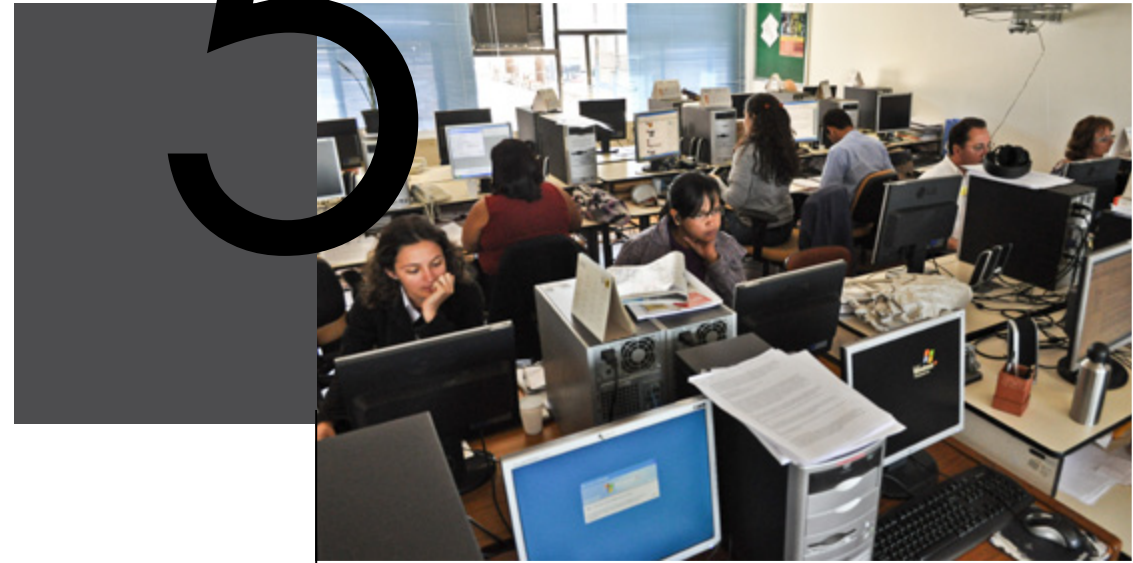
*Valter Lima,
radialista*

O esporte corre no sangue

A Rádio Nacional protagonizou as transmissões esportivas no rádio, teve um momento histórico e criou essa tradição. Como ela era uma das emissoras mais potentes da América Latina, ela conseguia levar para o brasileiro essa informação. Para mim, o melhor momento no esporte foi de 1986 a 1997, quando a cobertura foi mais intensa. A equipe era maior e tinha cerca de 10, 11 pessoas, sendo dois narradores, três comentaristas e quatro repórteres só aqui em Brasília. Eu lembro que, em uma manhã só, eu cobria cinco ou seis clubes. Eu pegava o carro da rádio e ia no Pelezão cobrir o Brasília, saía correndo para ir para Taguatinga cobrir o Taguatinga, ia para a Asa Sul cobrir o Tiradentes, ia para o Guará... Hoje, a equipe de Brasília está vinculada ao Rio de Janeiro e [aqui] só tem eu.

*André Luiz Mendes,
radialista*

5



O público é
quem a torna
pública

A PARTIR DO FINAL DA DÉCADA DE 1980, A RADIOBRÁS SEGUIU por uma trajetória de decadência e os efeitos também foram sentidos na Rádio Nacional de Brasília. Em 1985, o último presidente do regime militar, João Batista de Oliveira Figueiredo, deu lugar a José Sarney, eleito indiretamente a vice-presidente na chapa de Tancredo Neves, que faleceu antes de assumir o cargo. Se antes o governo julgava necessário manter emissoras de rádio com grande potência para cobrir todo o Brasil e impedir as mensagens comunistas e subversivas vindas de países vizinhos, o governo democrático não necessitava mais desses recursos. Não lhes pareceu que as rádios poderiam exercer papel fundamental na redemocratização, levando informação e noções de cidadania para uma população pouco assistida pelo Estado.

Em 1988, o governo Sarney promoveu um verdadeiro desmonte da Radiobrás: das 40 emissoras ativas da empresa, restaram apenas sete, sendo que duas foram desativadas logo em seguida. Embora a Rádio Nacional de Brasília tenha sido mantida, sofreu nos anos seguintes com a inconstância da estatal. O pouco investimento e as determinações baseadas em interesses políticos se refletiram na redução da potência de transmissão, demissão de funcionários e no pouco planejamento estratégico da programação. Além disso, a explosão das emissoras FM, com melhor qualidade de som, também contribuiu para a perda de audiência. A emissora conseguiu manter um público cativo, criar novos programas – ao mesmo tempo em que matinha outros de muito sucesso –, mas o impacto já não era o mesmo de antes.

Durante a década de 1990, a Radiobrás (e, claro, os veículos vinculados a ela) continuaria sem receber mui-

Foto: Da elaboração das pautas na redação à linha editorial, a Rádio Nacional experimenta o desafio de ser uma emissora pública (crédito: Maíra Morais)

ta atenção ou recursos do governo federal e houve até quem defendesse a extinção da empresa. Em uma última tentativa para salvar a estatal, o governo nomeou Carlos Zarur seu presidente em abril de 1998. A gestão do jornalista foi um primeiro passo para pôr ordem na casa. Foi neste período que a Nacional se mudou do “baracão” da W3 Sul – como era carinhosamente chamada a sede, que sofria com a assídua visita de roedores – para um prédio na Asa Norte. Zarur conseguiu melhorar o setor administrativo da Radiobrás e de forma embrionária, começou a propor alterações no jornalismo e no que era veiculado nas emissoras de rádio e televisão e na Agência Brasil.

No entanto, a grande mudança no conteúdo veiculado pela Radiobrás foi promovida por Eugênio Bucci, que assumiu a presidência em 02 de janeiro de 2003. Jornalista e um dos principais estudiosos e pensadores da comunicação no Brasil, tomou para si a missão de substituir a cobertura chapa-branca dos atos do governo por um jornalismo com foco no cidadão. Era preciso livrar a empresa dos partidarismos e do uso de interesse privado de bens públicos. Com o apoio de diversos funcionários da Radiobrás, Bucci instaurou um Programa de Qualidade Editorial, o qual deu subsídio para a formulação de planos editoriais para as emissoras e programas. Estes eram avaliados pelo Comitê de Qualidade Editorial. Além disso, para envolver as equipes nas mudanças propostas, foram criados Grupos de Trabalho que discutiam assuntos diversos, que iam desde o jornalismo praticado até questões trabalhistas. A Nacional de Brasília envolveu-se neste processo, o que acarretou mudanças na grade da programação, no conteúdo

veiculado e na postura dos profissionais, enfrentado a resistência de alguns ouvintes e até mesmo de funcionários. Em 2007, Eugênio Bucci deixou a presidência da Radiobrás e em 2008, esta fundiu-se com a TVE do Rio de Janeiro e foi criada a Empresa Brasil de Comunicação (EBC) e muitas das diretrizes lançadas por Bucci ainda estão em vigor.

Hoje, a emissora transmite com 50 kW durante o dia, cobrindo o Distrito Federal e Entorno, e 200 kW noite, o suficiente para alcançar regiões do Pará, Tocantins, Goiás e Mato Grosso. O jornalismo com foco no cidadão e a preocupação em levar informação de qualidade para o ouvinte são as bases para as transmissões da Rádio Nacional. Hoje, a emissora mantém-se fiel aos princípios da comunicação pública ao mesmo tempo em que busca respeitar seu mais de meio século de história, seu DNA, aquilo que a faz ser a Nacional de Brasília. E sobretudo, busca atender ao desejo do ouvinte.

Mudando a cultura da empresa

A principal dificuldade era de ordem cultural. Porque, na verdade, a legislação que disciplinava o funcionamento da Radiobrás já tinha uma série de vantagens nessa direção. Ela não incumbia a Radiobrás de fazer assessoria de imprensa, propaganda de governo, funções de porta-voz ou relações públicas, mas apenas de administrar as emissoras veiculando informação e cultura. É curioso, mas isso já está na legislação da Radiobrás desde quando ela foi criada. Então, a lei não obrigava a comunicação da Radiobrás a ser uma comu-

nicação chapa-branca ou promocional. Isso vinha dos hábitos, vinha da cultura da empresa.

Sem dúvida nenhuma, ao longo desses anos que eu estive à frente da Radiobrás, o trabalho mais importante era o de envolver as equipes - não só de jornalistas -, na formulação dos princípios de gestão e de meta da empresa. Isso disseminava a compreensão do papel social que a Radiobrás deveria ter. É difícil eu localizar o que foi o mais importante. Mas para se ter uma idéia, todas as emissoras e os principais programas tinham plano editorial, formulados pelos profissionais que trabalhavam em cada um desses setores e acompanhados, anualmente ou a cada semestre, por um comitê de direção da empresa, do qual eu fazia parte. Além disso, a Radiobrás publicou um Manual de Jornalismo, onde estão os marcos de observância dos princípios legais e também da conduta ética necessária para todo operador da comunicação pública.

O que se pode observar nos documentos escritos que nós deixamos aí - e alguns deles estão em plena vigência - é que não há a utilização do termo jornalismo público. A gente fala de comunicação pública e de uma comunicação numa empresa pública. Isso tem uma razão: o jornalismo é uma função pública, mesmo quando praticado por uma empresa privada. E o jornalismo praticado de acordo com os cânones da profissão não se diferencia muito se está numa empresa pública ou privada.

Então, por ser um conceito difícil de explicar e de distinguir, nós não adotávamos porque tinha pouca eficácia na mudança de cultura que se tinha que fazer. Por isso é que nós especificávamos o que nós tínhamos

que fazer: o tratamento equilibrado, a fundamentação em fontes oficiais, a ausência de informação em *off*. E isso qualificava o tipo de jornalismo que é preciso fazer.

Eu não inventei nada disso. Isso é parte de um amadurecimento da visão sobre comunicação a cargo de organismos públicos ou estatais que já estava em marcha. E eu trabalhei dentro dessa linha geral e dentro dessa filosofia. E eu acho que nisso a gente conseguiu avançar bem. E isso é que foi a base para que a prática fosse mudando e que, anos depois, acarretasse até algumas mudanças na legislação, com a criação da EBC.

*Eugênio Bucci,
ex-presidente da Radiobrás*

As mudanças na prática

Na época [*do Eugênio Bucci*], a criação dos Grupos de Trabalho foi muito frutífera no rádio. A possibilidade de fazer com que a equipe (aquelas pessoas que, obviamente, se inscreveram voluntariamente) discutisse a linha editorial de cada veículo, foi muito importante.

Isso se refletiu na grade com a saída de alguns programas do ar, a criação de outros, e o monitoramento e acompanhamento e uma orientação permanente. O *BR Caminhoneiro*, por exemplo, foi um que infelizmente precisou sair. O *BR Caminhoneiro* era um programa importantíssimo na grade, que entrava de madrugada. Mas na época, nós não tivemos dúvida, havia um problema de utilização político-partidária e tivemos que suspender o programa.

Por outro lado, programas como *Cotidiano*, *Espaço*

Arte, *Em conta*, *Cidade 980*, *Brasil Rural*, esses programas novos – quando eu digo novos, de cinco anos para cá – refletem esse novo momento da rádio. São programas segmentados, que entraram exatamente onde a gente acha que havia uma lacuna. E ainda falta muita coisa. A gente sente falta de programas de meio ambiente, de saúde, para terceira idade, para mulheres. Sem querer segmentar demais a grade e sabendo que há programas, como o *Tarde Nacional* ou mesmo o *Revista Brasil*, que tratam desses temas de forma transversal.

É claro que foi uma mudança que não foi aceita logo de início. Foi um trabalho de convencimento de todas as partes. Na primeira fase de mudança da programação, houve uma manifestação muito negativa por partes dos ouvintes, e até de algumas pessoas da equipe, de que nós estávamos fazendo uma rádio elitista, que nós tínhamos proibido a participação dos ouvintes – que eram sempre os mesmos, não era nada democrático; era um grupo de pessoas que todos os dias monopolizava o telefone da emissora para os seus recados pessoais.

Até mesmo essa qualificação da participação do ouvinte, a gente precisou fazer. É claro que a gente quer que o ouvinte participe. Mas participar para quê? Para propor pautas, para opinar sobre o que nós estamos discutindo, para sugerir melhorias? Tudo certo. Então é uma equação delicada, porque nós precisamos pensar um novo rumo, convencer a equipe internamente, olhar para a comunicação que não é feita no DF e ainda atender, na medida do possível, os ouvintes.

*Taís Ladeira,
jornalista e gerente das emissoras
de rádio da EBC em Brasília*

Compromisso com o ouvinte

Claro que você não muda a cultura de uma empresa de uma hora para a outra. Você tem que construir isso. É um trabalho no dia a dia, é pauta por pauta. Por exemplo, a abertura de uma matéria. Você começa um texto falando: “O ministro da Agricultura anunciou não sei quantos milhões para o Plano Safra”. Não é assim. É o inverso. Você coloca: “Os agricultores vão receber tanto, esse dinheiro vai estar disponível no banco assim e assado”, fala quem tem direito, põe lá os critérios. E no final você fala: “O anúncio foi feito hoje pelo ministro da Agricultura”. Faz diferença.

Aí você se coloca no lugar do ouvinte: o que para mim é mais importante? Saber, por exemplo, se o remédio vai estar na farmácia de alto custo amanhã ou saber se a Secretaria liberou dinheiro para comprar remédio? Era isso que eu conversava diariamente com a minha equipe: se põe no lugar do ouvinte. Se eu preciso de um remédio que custa mil reais, eu quero saber se amanhã, quando eu for lá na farmácia, vai ter remédio.

Afinal a gente fala para quem? Com quem é o nosso compromisso? É com o Governo, com a chefia ou com o ouvinte? Para mim, eu tenho compromisso com o ouvinte. E respeito também ao ouvinte. Acho que hoje, em alguns momentos, a Nacional ainda peca. Mas isso é um processo natural.

Eu acho que o grande desafio da Nacional de Brasília é ser popular, sem cair no popularesco. E ser uma emissora popular de qualidade. Que dê uma informação útil, que seja companhia. Porque é isso. Quando a Rádio Nacional foi criada em 1958, ela era a grande compan-

heira das pessoas que estavam aqui. Ela não era para ser companhia, transmitir recados? Então ela vai se manter assim até quando deixar de existir.

Mas como? Abrindo algumas vezes para o ouvinte participar ao vivo. Demora um pouco mais, mas abre. O ouvinte gosta disso. Radionovela? Vamos colocar. Todo sábado à noite, a gente coloca uma radionovela no *Saudade Nacional*. Futebol tem que continuar? Tem, faz parte da história da emissora.

*Cristina Guimarães,
jornalista e ex-coordenadora
da Rádio Nacional AM de Brasília*

O esporte por outro ângulo

Na Rádio Nacional, você tem mais liberdade para levar ao ouvinte outros tipos de produto que não aqueles que a mídia te obriga a veicular por causa da briga incessante por audiência. Existe um perfil e o compromisso da emissora que tem que ser social, de cidadania, mostrar outro lado e a emissora gosta muito de fazer o que as outras não fazem. Você procura essa flexibilidade de mostrar outra situação. O Kaká foi contratado por 100 milhões de euros, por exemplo. Todo mundo vai dar essa informação. Agora, como o clube faz para arrumar esse dinheiro, quem patrocina, quanto investe e quanto ganha com um cara desses... A gente procura dar um enfoque diferenciado em algumas situações. Talvez essa seja a preocupação: informar melhor o ouvinte que já sabe da notícia principal. Isso vem sendo cultivado há algum tempo, porém, depois da criação da EBC, e até

mesmo já no final da gestão Radiobrás, acho que eles se preocuparam muito mais com esse aspecto de trazer essa informação diferente.

A Rádio Nacional é realmente uma rádio do Brasil. Já existe um projeto em que nós vamos fazer outros jogos e dar uma opção para o ouvinte. O Rio de Janeiro vai transmitir Vasco x Botafogo. Mas nós queremos que Brasília faça Atlético x Cruzeiro, São Paulo x Palmeiras... Por que o ouvinte da Amazônia não pode ser brindado com Remo x Paysandu? Por que o cara da Bahia não pode ouvir um Bahia x Vitória, ter o prazer de a Rádio Nacional estar lá mostrando para todo o Brasil um produto genuinamente baiano? Nós estamos criando um meio de fazer esporte no geral. Também porque a rádio tem um compromisso com o esporte e esporte não é só futebol. Nós fizemos o NBB [*Novo Basquete Brasil, campeonato nacional de basquete*] no ano passado, e basquete é um lado que ninguém mostra - e que muita gente gosta.

Pautando o jornalismo de Brasília

Na minha opinião, hoje o AM é rádio de conteúdo. E você pauta outras emissoras. Eu não estou falando para as paredes, eu estou falando para o ouvinte, mas também para quem faz notícia. Eu canso de trazer uma notícia para cá e no outro dia ela está em todos os jornais. Ou eu trago uma informação e meia hora depois ela está numa FM.

*Luciano Barroso,
radialista e jornalista*

Uma tarde inteira de informação

O *Tarde Nacional* é um programa voltado para o Distrito Federal e Entorno, sempre de segunda à sexta-feira, de uma às cinco da tarde. É um programa de informação, mas também tem música e a participação de repórteres ao vivo. Como, por exemplo, a Katiana Rabelo que leva tempo, trânsito, aeroporto, e a participação dos locutores esportivos que trazem as informações do esporte como Mário Silva, Carlos Borges e André Luiz Mendes. Temos quadros diários, como o *Viva Maria* da Mara Régia e quadros fixos. Na segunda-feira temos um quadro sobre o meio ambiente, que é o grande assunto do momento. Na terça-feira o *Direito em Pauta*, na quarta-feira a gente fala exclusivamente sobre o direito do consumidor, na quinta-feira temos um quadro sobre leis distritais no dia a dia do cidadão do DF, e na sexta-feira, como já é um princípio do fim de semana, o Giovanni Motta traz algumas dicas para os ouvintes já irem se preparando para a diversão.

O que é de suma importância para prender o ouvinte é a escolha das pautas, o que é fundamental em se tratando de entrevistas. A nossa preocupação é de sempre focar e pensar no que o ouvinte quer ouvir. Tem que fazer rádio para o ouvinte e não para nós, saber qual é a necessidade do ouvinte. Nós observamos para dar um enfoque diferente do que já é tão batido. Vezes e vezes nós fazemos coberturas ao vivo e vamos até o local. Nos aniversários de cidades-satélites, a gente busca ir lá para ver como é o dia a dia, entrevistar pessoas dali, ouvir o presidente da associação comercial para saber como está o comércio naquele local, ouvir o comandante de

Polícia Militar para saber da questão da segurança ou o delegado responsável pela delegacia daquela cidade, nós vamos ouvir alguém ligado a questão de arte, cultura e lazer e ouvir o povo. Ouvir o povo, o que ele tem a dizer, quais são as reivindicações, contar com a participação deles nesse processo. Um dos grandes compromissos que nós temos com o público de Brasília é mostrar um lado da cidade que é pouco mostrado.

*Miguelzinho Martins,
jornalista e radialista*

Fazendo as perguntas certas

O ponto forte do *Cotidiano*¹⁰ são as entrevistas. O programa é composto de quatro entrevistas e são assuntos diversificados. Todo dia tem que ter uma entrevista de saúde, que é sempre a primeira do programa. E os outros assuntos variam. Tem um telefone no estúdio que fica aberto e fica à escolha do ouvinte: se ele quiser, ele entra no ar e faz a pergunta [para o entrevistado]. Senão, a nossa produtora anota e eu mesmo pergunto. Ele também pode ligar naquele número para sugerir outros assuntos. Então a gente recebe muita sugestão de pauta dos ouvintes. “Eu queria ouvir falar de lúpus”, aí a gente vai atrás. “Olha, eu andei vendo uns apartamentos, porque eu estou querendo comprar, mas como eu sei qual é o melhor? É mais vantajoso eu comprar o apartamento na planta ou pronto”? Aí você vai em busca de uma associação de defesa do consumidor ou do Procon. Hoje em dia, eu tenho muito mais naturalidade para fazer esse tipo de trabalho. Porque você vai

10. O Cotidiano vai ao ar de segunda a sexta-feira, das 10h às 12h.

juntando experiência, vivência. As pessoas dizem: “Luiza, eu gosto muito do jeito como você pergunta”. E é engraçado, às vezes eu pergunto: “Mas o que a senhora quer saber?”

“Não, não preciso falar porque eu sei que você vai fazer as perguntas certas”. É muito engraçado o ouvinte falar isso para a gente. Tem entrevistado que diz assim: “Luiza, você espreme tudo (risos)! Aqui na rádio, eles me dão liberdade de fazer entrevistas mais longas, não tem aquela coisa de jornalismo de dois, três minutos. Às vezes, dependendo do assunto, eu posso ficar 15, 20 minutos com a pessoa. Eu acho que não adianta nada você fazer uma entrevista em que a pessoa fica morta de vontade de saber mais. Então, tem que aproveitar o tempo que está ali para arrancar o que for possível.

Para mim, é o seguinte: quem quer ouvir informação, ouve AM. Claro que hoje em dia, tem as FMs que têm só informação. Mas são muito diferentes da nossa maneira, porque aqui a gente intercala música com esses assuntos.

E o negócio é você manter assuntos atuais. Então ao mesmo tempo que eu falo dos benefícios da soja preta, eu falo de Twitter, por exemplo. E as pessoas se enganam achando que quem escuta rádio são pessoas de menos cultura, de nível social mais baixo. Não é verdade. Tem muito entrevistado meu que começa ouvindo pela internet para conhecer o programa e participar de acordo com o espírito do programa e depois, ele se acostuma e começa a ouvir o programa também. Gente que aprende a, em vez de ligar na FM, ligar na AM enquanto dirige, por exemplo. É tudo uma questão de a gente ir se modernizando também.

*Luiza Inez,
jornalista e radialista*

6



Vidas
sintonizadas
em 980 kHz

ELA JÁ É CINQUENTONA E CARREGA MARCAS DE QUEM JÁ ENFRENTOU tempos difíceis e se deleitou em tempos áureos. É uma jovem senhora falante, que tagarela o dia inteiro – e não se cansa nunca porque já entendeu a força que sua palavra adquiriu ao longo de suas décadas. Ela não precisa se esforçar muito para lembrar-se de histórias de luta, dor, alegria, realização. É companheira, cumpridora de seus deveres e movida a desafios, especialmente o de estar onde ela nem mesmo imagine que possa chegar. Esta é a Rádio Nacional de Brasília: uma emissora de rádio em ondas médias, que, definitivamente tem alma, história e personalidade.

E aqui estão pessoas que vêem a emissora além do dial, da frequência e da parafernália técnica, dando-lhe vida para enxergar o milagre da comunicação, o fenômeno da construção do próximo por meio da palavra falada e retransmitida. São pessoas que têm a emissora como fonte de satisfação pessoal e profissional. E, além deste profissionalismo, os funcionários da Rádio Nacional de Brasília são movidos por sentimentos muito humanos. São estes sentimentos, evidenciados nos depoimentos, que motivam uma doação particular ao ato de se comunicar e à Nacional. Independentemente da idade ou da época em que passaram na rádio, todos guardam uma certeza de que “É bom viver Nacional”.

Para essas pessoas, a Nacional de Brasília não é apenas mais uma emissora no espectro radiofônico. Ela é um pedaço da vida (talvez um dos melhores). É o topo da carreira. É o primeiro passo para uma guinada radical em sua trajetória. Ela se enraizou em suas histórias. Estas pessoas foram convidadas a tentar explicar, durante as entrevistas, o que é a Rádio Nacional. E saltou

Foto: Diariamente, as ondas sonoras da emissora transmitem cidadania, informação e uma parte da história de seus funcionários (crédito: Maíra Morais)

aos olhos a paixão evidente enquanto respondiam: o carinho estava na fala, nos gestos, nos olhos. Este capítulo, afinal, é uma grande declaração de amor.

A base de quase tudo

Se não fosse a Rádio Nacional, eu não teria saído de Goiás. Estaria como muitos outros trabalhando nos balcões das Pernambucanas, que era com o que eu trabalhava quando chutei tudo e vim para cá. E essa vinda que fez tudo na minha vida. Através das amizades que eu fiz, tive a oportunidade de trazer todos meus seis irmãos para cá. Cada um deles tinha uma profissão definida e pude encaixá-los aqui no que eles trabalhavam. Então, foi uma realização pessoal e da minha família, tudo por causa daquele primeiro passo que dei entrando na Rádio Nacional. E a partir daí, as portas se abriram todas. Então, ela é a base de quase tudo. A Nacional é tudo na minha vida.

*Fernando Lopes,
cantor*

Parte da família

Eu vivi essa Rádio Nacional praticamente do começo até hoje. Se eu tenho amor pela Rádio Nacional? Tenho. A Rádio Nacional é como uma filha para mim. Eu tenho ciúmes da rádio, eu apanhei por causa da Rádio Nacional, eu levei tapa de soldado, chute de polícia.

*Mascarenhas de Morais,
radialista*

Em Minas, Rádio de Brasília

Eu já ouvia a Rádio Nacional no interior de Minas Gerais, quando eu dormia no canto da cama da minha avó ouvindo “Em Brasília, 19h”. Tanto que a primeira vez que eu fiz A Voz do Brasil eu quase chorei. Eu só sabia que eu queria fazer rádio. Tanto que quando eu trabalhava aqui lavando banheiro, eu lavava banheiro da onde? Da Nacional. Da poderosa Rádio Nacional. E hoje eu ajudo a fazer essa Rádio Nacional. Olha que coisa mais linda para mim.

Eu saio da minha casa há 38 anos com prazer para vir para cá. A Rádio Nacional para mim é vida, é vital. É como diz a vinheta, “É bom viver Nacional”.

*Luciano Barroso,
radialista e jornalista*

Uma promessa de criança

A Rádio Nacional sempre foi um encantamento porque minha avó era “fãzoca” da Nacional do Rio de Janeiro. Eu cresci ouvindo as novelas. E tinha promessa de biscoito Marilu enquanto rodava a novela: quem se comportasse ganhava biscoito no final. Eu me lembro que um dia eu fugi, fui até a Praça Mauá com uma amiga para conhecer a Rádio Nacional. Levei uma surra do meu pai que não foi fácil!

Quando eu me apaixonei por essa caixinha mágica, eu estava começando a vida, começando a minha maternidade... É claro que o *Viva Maria* tem muito da minha história pessoal. Minha mãe foi vítima de vio-

lência e ficou essa marca, esse desejo de lutar para que as mulheres não apanhassem mais, não sofressem mais. Foi uma coisa que eu disse para mim – e eu devia ter uns oito anos de idade: “Quando eu crescer, eu vou fazer alguma coisa para as mulheres não apanharem”. E assim foi feito. Eu devo ao *Viva Maria* a minha vida, a minha plenitude como mulher.

*Mara Régia,
jornalista e radialista*

Escola Rádio Nacional

Com todo o respeito a todas as minhas outras atividades, aos lugares por onde passei, onde estou e onde eu possa vir a passar, a Rádio Nacional é o lugar mais importante da minha vida. Primeiro, porque eu gosto de rádio e não escolhi televisão por três motivos: eu sou meio tímido, feio e gosto de emoção. E eu escolhi o rádio por ter essa movimentação mais intensa. Tudo o que eu tenho e conquistei na minha vida foi dentro da Rádio Nacional. Foi por causa dela que eu comprei meu primeiro carro, fiz minha primeira viagem e conheci lugares no exterior, foi trabalhando aqui que eu casei, tive meus filhos, comprei a minha casa. E é um exercício diário de aprendizado porque, até hoje, por incrível que pareça, todo o dia eu estou aprendendo alguma coisa. A Rádio Nacional, para mim, é quase tudo. Ela só vai ser tudo no dia que eu sair de lá. Aí eu vou dizer: “Estive em um lugar onde eu tive tudo na minha vida”.

*André Luiz Mendes,
radialista*

Valeu a pena

A Rádio Nacional é única: há várias emissoras populares, há várias AMs, mas nenhuma é como a Rádio Nacional. É uma emissora na qual eu acredito.

Talvez, por isso, eu tenha feito tantas concessões na minha vida pessoal e profissional, por gostar da rádio. Porque foi um sacrifício deixar de ser repórter, que é o que eu sempre gostei de fazer, para ser gestora. Se eu fiz isso foi por acreditar na força que ela tem de mudar a sociedade, de ajudar. Se alguma informação que eu dei algum dia no ar, seja como repórter, seja como produtora, se aquela informação ajudou alguém a resolver alguma coisa, seja uma só pessoa, já valeu a pena.

Cristina Guimarães,

ex-coordenadora da Rádio Nacional AM de Brasília

Não era um sonho

Estar aqui realmente foi um sonho realizado e uma das etapas que eu acho que conquistei na vida. Sobre tudo, para o orgulho do meu pai, que também era radialista. Eu trabalhava em outras emissoras antes de entrar aqui e ele dizia: “Você tem que entrar na Rádio Nacional. Aquilo é que é rádio! Ali que você vai ver como é ser ouvido nos quatro cantos do país!” Além de uma realização pessoal, foi um presente que eu pude dar para ele e para minha mãe, que também sempre ouviu bastante a Rádio Nacional.

*Miguelzinho Martins,
jornalista e radialista*



Estórias que
viraram
história

AS BOAS HISTÓRIAS SÃO COMO ALGUNS DOS TIJOLOS QUE EDIFICARAM a Rádio Nacional de Brasília. A emissora coleciona relatos – até então restritos à memória de quem viu ou viveu – que desafiam o crível, emocionam, divertem e reforçam o caráter integrador e por vezes, heróico, da emissora. Na maior parte destas boas histórias, o protagonista é o ouvinte.

É ele quem provoca a rádio e espera que a ajuda chegue pelas ondas sonoras. É o ouvinte que se descamba até a emissora para protestar e ameaçar o locutor. Ele quem encomenda casamento nos microfones da emissora. O ouvinte é o lado imprevisível do rádio: a urgência do seu recado está além do roteiro, o seu telefonema irrompe a transmissão para que a sua voz enuncie o inesperado, e uma simples carta pode enraizar-se na memória do locutor que a recebe.

Nas histórias que entraram para o rol da emissora como inesquecíveis, percebe-se uma relação afinada entre o meio, o emissor e o receptor. Até mesmo no inusitado, no pitoresco ou no cômico, a Rádio Nacional de Brasília mantém-se firme no seu propósito inicial: o de ser, acima de tudo, companheira de quem a ouve.

Rejane, a desmemoriada

Eu estava na rádio e tinha uma senhora me procurando. Ela falou: “Meira, eu preciso que você me ajude. Eu tenho um hotel no Núcleo Bandeirante e recebi um casal que veio de Fortaleza. O casal estava lá comigo e, de repente, o rapaz sumiu, não apareceu mais, e a moça parece que está com amnésia. Encontrei uns papéis que

Foto: Em 52 anos de história, basta que a Rádio Nacional esteja no ar para que os ouvintes protagonizem histórias incríveis (crédito: Maira Morais)

falavam da residência dela em Fortaleza, você pode nos ajudar?”. Eu falei: “Vamos ajudar sim”. O nome da moça era Rejane. E eu tinha no programa uma buzina de caminhão que eu buzinaava e chamava a atenção da pessoa. Aí eu buzineei uma vez, duas vezes, três vezes e falei: “Ó, você de Fortaleza, quem conhecer a família da Rejane, entre em contato com a Rádio Nacional. A Rejane está aqui, perdeu a memória, está num hotel, o pessoal está cuidando dela”. Fiz isso no começo, no meio e no final do programa.

No dia seguinte, eu estou chegando na rádio e tinha um cidadão me esperando. Aqui em Brasília fazia uma poeira danada e tinha um sujeito de roupa branca, chapéu branco... Eu pensei: “Não é possível, deve ser coisa de outro mundo”. Eu fui atendê-lo e ele falou: “Você que é o Meira Filho? Eu sou o pai da Rejane”. Quase que eu caí, quase que eu morri de emoção. Ele me contou que o rapaz casou com ela, mas não era bom da bola. Não gostou, pegou e largou a moça. Foi embora. E a família não queria este casamento. Em poucas palavras, nós fizemos uma novela – uma novela com um fim muito feliz.

Ele me perguntou: “Quanto é que pago por esse serviço?” E eu respondi: “Me diga uma coisa, se você fosse pagar, quanto que você ia pagar?”. Ele respondeu: “Não tem dinheiro no mundo que pague uma coisa dessas.” “Então você não deve nada”. Ele pegou a filha dele, levou para Fortaleza e eu acredito que ficou feliz, né?

*Meira Filho (1922-2008),
radialista*

Rádio casamenteiro

Eu estava fazendo o programa no domingo à noite e veio um cabra desdentado, fogueiro, feio, feio, sem dente... Com um perfume extrato, daqueles que parece que você tomou um banho? Ele não saía do estúdio. “O que você quer? Dá logo o seu recado”, mas ele não saía.

Então eu fui à discoteca e ele foi atrás de mim e disse: “Eu queria que o senhor arrumasse uma mulher para mim.” Eu falei: “Ô meu irmão, desce a W3, vai para a Rodoviária, Luziânia, qual é?” “Eu quero casar”. Botei ele lá, brinquei, brinquei e disse: “Olha, Fulano de Tal é alto, loiro, dos olhos azulados, esverdeados, um atleta. Bonito, cabelo caído na testa, grudado na cabeça. Ele quer encontrar uma mulher, que jeito você quer essa mulher?” E ele: “Uma mulher que me respeite, que goste de mim, que me aceite como eu sou, que saiba lavar, cozinhar”, aquele negócio, né. Resultado: no outro fim de semana eu estava com mais de mil cartas.

Aí eu criei um programa chamado *Correio Sentimental*. Eu lia essas cartas que ele dava o perfil dele, ela dava o perfil dela e pronto. Não tinha ninguém para me derrubar em carta e audiência. Eu casei gente no Brasil inteiro, perdi as contas de quantos casamentos.

*Mascarenhas de Moraes,
radialista*

Pérolas dos ouvintes

Tinha uns recados assim: “Mãe, eu estou mandando duas cartas para a senhora, uma dentro da outra, porque se uma não chegar a outra chega.” Outro: “Mãe, essa semana meu dente tava doendo muito. Eu fui lá no dentista e mandei ele ‘distrair’ meu dente.” “Mãe, mas Brasília é bonita demais, mãe. Aqui tem muita ponte, mas os rios estão tudo seco.” Era ele falando dos viadutos, né. Outro: “Mãe, eu como bom nordestino, eu fui dançar um forrozinho lá no Núcleo Bandeirante. Quando cheguei, fiquei esperando começar o forró e aí já era quase meia noite e esse forró não abria. Aí, eu fiquei preocupado, queria dançar um forrozinho e o forró não abria de jeito nenhum. Aí foi passando um homem e eu perguntei: ‘Moço, esse forró do Gerson não vai funcionar hoje, não?’ O homem respondeu: ‘Isso aí não é Forró do Gerson, não, pau-de-arara. Você não está vendo que isso que está escrito aí é forro de gesso?’ Mãe, eu fiquei com uma vergonha...”

*Edson Nery, o Burrinho,
supervisor de operações*

Greve geral deixa marido nervoso

Falar dos maridos nervosos, indignados... Era muito interessante chegar na emissora e de repente tem lá um homem: “A senhora que é a Mara Régia?”, “Sim, senhor, bom dia”. “Ó, o rádio lá de casa eu já quebrei, viu? Agora, a próxima vez que eu vier aqui é para quebrar a sua cabeça, porque a senhora fica colocando caramin-

hola na cabeça da minha mulher”. Porque uma vez, no Dia das Mães, eu falei: “Olha, vamos parar com essa história de só presentear a gente no Dia das Mães com panela de pressão, liquidificador, porque isso é presente para a casa! Não é presente para nós! Mulher gosta de flor, perfume... Olha, Maria, se você ganhar, de repente, uma geladeira, um fogão, faz greve, não faz o almoço de domingo. Senta no meio da sala, cruza os braços e fica lá!”. E, na certa, a mulher desse cara levou ao pé da letra o que eu falei.

*Mara Régia,
jornalista e radialista*

“Cadê o homem da Nacional?”

Eu entrei na rádio em 1982. Dois anos depois, tirei minhas primeiras férias. Fui para São Luís, no Maranhão, com minha mulher e meus dois filhos. Chegando perto de Santa Luzia, mais ou menos a um quilômetro da cidade, tinha um atoleiro de uns 200 metros. Só passava ônibus e caminhão guinchados por trator e o trator ainda tinha quebrado. E estavam esperando consertar o trator. E aquela fila de carros enorme... E todo mundo voltando. Para passar, tinha que fazer uma volta de uns 800 kms, ir em Marabá no Pará. Faltando um km para chegar na cidade!

Eu era operador do Mascarenhas de Moraes no *Tarde Nacional*. Fazia a noite também com o tio Gilvan Chaves, no *Eu de cá, você de lá* e eles anunciaram que eu estava indo de férias para o Maranhão. E eu tinha colocado um adesivo da Rádio Nacional no vidro lateral

do meu carro. E eu lá nesse atoleiro pensando: “Meu Deus, e agora, voltar 800 kms por causa de 1 km... Uma loucura!”. Aí, chegou um menininho no carro e viu o adesivo. Ele perguntou para o meu filho: “Esse carro é da Rádio Nacional?” Aí, meu filho: “Não, meu pai que trabalha lá”. O menininho saiu de fininho. Cara, daqui a pouco, meu carro começou a arrodar gente, gente, gente, para me conhecer, perguntando: “Cadê o homem da Rádio Nacional?” Uma hora e meia depois, eu só via o povo carregando tábua e fazendo uma pista para eu poder passar o atoleiro. Eles fizeram uma trilha com as tábuas. Foram 200 metros em cima daquela lama e eu passei para o outro lado. Eu fiquei tão agradecido! Eu levava disco para as rádios de São Luís, camisetas da Rádio. Aí dei tudo para o pessoal! Eles ficaram felizes da vida.

*Messias Melo,
sonoplasta*

Locutor, conselheiro e mensageiro

Tem o caso de um fazendeiro que formou toda a família e ficou sozinho na fazenda, só ele e a esposa, já velhinhos. E disseram para mim que estavam querendo vender a fazenda e vir para a cidade fazer tratamento, mas que dependia do meu conselho: se eu falasse sim, eles viriam, senão eles ficariam lá. E aí eu disse que eles não viessem. Que lá eles tinham sua vaquinha e eles poderiam vender uma vaca, vir para a cidade, fazer o tratamento e voltar. Jamais vender a sua propriedade e vir para a cidade, que não era o habitat deles. Depois, ele

escreveu para mim e agradeceu. Ele continuou lá e está feliz. O ouvinte tem uma confiança e um carinho muito grande pela gente.

Outra vez, um dono de uma fábrica de sapatos, em Franca, São Paulo, foi pescar no Mato Grosso. Foi ele e mais dois irmãos e no segundo dia, o pai deles faleceu. E eles estavam no Pantanal Matogrossense, não tinha como dar a notícia. E o guarda da noite da fábrica viu a família apavorada lá no escritório, no telefone, tentando falar com polícia, tentando falar com aeroportos, com cidades próximas e não conseguia. E esse guarda disse: “Olha, só tem um jeito de vocês passarem essa notícia para eles. Liga nesse telefone aqui, na Rádio Nacional, e fala com o Luiz Alberto”. Eles ligaram na portaria dizendo que era urgente e eu fui atender lá. A esposa do rapaz que foi pescar disse: “O nosso guarda noturno da fábrica disse que só você pode localizar”. Eu falei: “Que carro que ele está?”. “Uma caminhonete assim e tal”, peguei os dados e falei, “Tudo bem, deixe comigo, vou tentar aqui”. Aí, eu cheguei no microfone e falei: “Atenção você que está aí em tal região, é uma caminhonete assim, placa tal, de Franca, São Paulo. O pai desse rapaz faleceu. Se você viu essa caminhonete aí, vai lá e passa essa notícia para ele”.

E um fazendeiro que estava ouvindo o programa viu que essa caminhonete tinha passado dentro da sua fazenda para ir até o rio. E isso já era quase 11h da noite. Ele pegou o cavalo e foi até onde eles estavam pescando. Ele chegou lá por volta de 1h [da manhã]. Ele falou: “O senhor que é Fulano de Tal?” O rapaz respondeu: “Sou”. “O senhor pode voltar que o seu pai morreu.” “O senhor está louco!” “Não, o Luiz Alberto, da Rádio Nacional,

falou no *Eu de cá, você de lá*. O senhor é de Franca, o nome do seu pai é Fulano de Tal?” Ele respondeu: “É”. “Então ele morreu”. Aí, ele voltou, foi até a cidade mais próxima, fretou um avião e foi embora.

Esse cara é meu amigo até hoje. Foi bom porque durante muito tempo eu não comprei sapato. E quando ele ia pescar, dizia: “Olha, estou indo pescar. Me dá notícia da minha família!”

*Luiz Alberto,
radialista*

Em busca da galega na gaiola

Sumiu uma jornalista na Amazônia e estavam procurando essa moça. O Mascarenhas de Moraes chegou aqui para fazer o *Saudade Nacional* e alguém ligou para ele perguntando se ele sabia de alguma coisa. E ele falou: “Não, mas me dá as informações”. Então, descreveram como era a moça e onde tinha sido o acidente. Eles falaram: “Era uma loira, que estava num barco, a tantos quilômetros da cidade tal”. E aí entra a questão da importância de adequar a linguagem ao nosso público. O Mascarenhas traduziu aquilo. Ele falou: “É uma galega, que estava numa gaiola” – que é o tipo específico daquele barco em que ela estava. “Ela estava na região x”. Ele não falou “a tantos quilômetros da cidade tal”, ele falou o nome daquela região. E não é que acharam a moça?

*Cristina Guimarães,
jornalista e ex-coordenadora
da Rádio Nacional AM de Brasília*

Como no tempo dos recados

Em 2001, no ataque às Torres Gêmeas, nós estávamos com o *Revista Brasil* no ar e apareceu uma imagem de um avião se chocando com uma das torres e falaram que tinha sido um acidente. E, de repente, outro avião. Então, a partir daquele instante, às nove horas da manhã, nós começamos uma transmissão ininterrupta que durou praticamente 24 horas. E no Brasil, a população encontrou dificuldade para encontrar seus parentes nos EUA porque cortaram todas as transmissões. As pessoas não conseguiam telefonar, não conseguiam absolutamente nada. Então nós acabamos desenvolvendo um trabalho com rádio amadores e começamos a fazer links com eles. Um radioamador daqui fazia contato com o radioamador do Panamá, que fazia contato com o sul dos Estados Unidos e chegava até Nova York... E a gente começou a fazer aquele tipo de transmissão. Chegou ao ponto das pessoas perguntarem sobre Fulano de Tal e a gente fazia esse meio-de-campo, para conseguir respostas para essas famílias. O embaixador brasileiro nos Estados Unidos estava escondido debaixo da mesa - porque não sabia o que estava acontecendo - e falou conosco, com o nosso repórter. E a gente escutando aquele barulho de sirene, porque a nossa embaixada era muito perto do World Trade Center. O próprio presidente da empresa [*Radiobrás*] desceu para o estúdio para acompanhar a transmissão conosco.

Valter Lima,
radialista

Te espero no supermercado

O ouvinte de AM, especificamente, é mais carinhoso, mais atencioso. Mas aqui parece que tem uma coisa diferente. A gente tem ouvinte que sabe o aniversário de cada um. Sabe mais do que a gente. Liga para lembrar a gente que é aniversário do outro locutor ou do repórter tal. Sabe o aniversário dos filhos da gente, grava tudo o que a gente fala. Faz festa de aniversário para a gente, traz bolo, salgadinho, traz presente.

Mas, às vezes, perturba um pouco. Tem recado reclamando, também, por exemplo: “Eu deixei um recado para a Luiza encontrar comigo no supermercado na sexta, às 10h da noite e a Luiza não foi!” Sabe? Então, tem essas coisas assim, que eu tenho que dizer: “Olha, eu não posso, eu tenho uma vida também. Eu tenho minhas filhas, eu tenho uma mãe que está doentinha, eu tenho que dar atenção para a família também, senão eles vão ficar se sentindo que nem você!” Teve outro caso com essa mesma ouvinte. Ela estava revoltada. Mandou recado pela produtora, pela Central do Ouvinte¹¹, ligou no estúdio... Dizendo que era para eu ligar para ela, porque ela tinha precisado operar e queria que eu ficasse com ela no hospital, como acompanhante dela. E a produtora: “Mas ela está ocupada. Porque quando ela sai do ar, ela vai produzir o programa do dia seguinte. E, depois, quando ela sai daqui, ela vai cuidar da vida dela, tem família também”. “Não, mas ela pode me ligar de madrugada ou então no domingo!” Então, às vezes, é complicado. Depois eu liguei para ela e ela falou: “Não te dão meus recados”. Eu disse: “Dão, sim, inclusive pedi para a menina te explicar e eu estava no ar, mas eu a

11. A Central do Ouvinte recebe as ligações e as cartas enviadas pelos ouvintes da Nacional AM Brasília e a Nacional da Amazônia, estabelecendo importante diálogo com o público.

vi explicando para você. É porque quando eu saio daqui, tenho que dar atenção para as minhas filhas, para a minha mãe, eu tenho que fazer ginástica, eu tenho consulta médica, eu tenho minha vida pessoal. Então não dá para eu ficar dando atenção para vocês depois do meu horário...” Aí você tem que ser diplomático.

*Luiza Inez,
jornalista e radialista*

O grito de gol na floresta

Na Copa do Mundo de 2006, a emissora não tinha os direitos de transmissão, mas foi liberada para que transmitisse os jogos do Brasil para a Amazônia via *off-tube*¹². Eu recebi uma carta de uns militares que estavam em Tefé, no Amazonas, agradecendo muito pela transmissão do jogo do Brasil, porque se não fosse a rádio, eles não teriam como ver. A meta da rádio não é ganhar dinheiro, não é vender comercial: é levar informação para o povo brasileiro.

*André Luiz Mendes,
radialista*

12. O *off-tube* acontece quando o narrador não está presente no estádio e acompanha a partida pela televisão. No jargão radiofônico, é chamado de “geladão” porque não transmite o calor do jogo.

Biografias

André Luiz Mendes

Nasceu no Rio de Janeiro/RJ e desde pequeno, frequentava o Maracanã com o radinho de pilha sintonizado na Rádio Nacional. O narrador esportivo entrou na emissora de Brasília em 1986 e apresenta o programa *No Mundo da Bola*. André Luiz trabalha no meio esportivo há 26 anos, e atualmente, é a voz padrão da TV Alterosa, de Belo Horizonte, e trabalha na TV Brasília.

Carlos Senna

Carlos Sérgio Oliveira Senna só não é brasiliense porque o hospital de Brasília ainda não estava pronto e sua mãe teve que se deslocar até Piracanjuba/GO para realizar o parto. Começou na Nacional de Brasília como discotecário, em 1979, com 19 anos. Assessorou Eduardo Fajardo na direção da emissora, foi produtor do Show da Tarde e assumiu diversos cargos de chefia. É coordenador da Rádio Nacional FM Brasília desde 2004.

Clemente Drago

Clemente Drago de Oliveira, 69 anos, trabalhou na Rádio Nacional por 43 anos e foi um dos principais locutores da Voz do Brasil. Chegou à emissora em 1964. Muitas das vinhetas e aberturas de programas que são veiculadas atualmente ainda têm a voz de Drago.

Cleusa Senna

Cleusa Oliveira Meneses Senna foi uma radialista pioneira em Brasília: além de ter criado, ao lado do marido, o serviço de alto-falante A Voz de Brasília, foi a primeira mulher a fazer um programa voltado para o público feminino na cidade, na antiga Rádio Independência, atual Rádio Capital. Atualmente com 70 anos, Cleusa Senna ainda mora em Brasília.

Cristina Guimarães

Teve seu primeiro contato profissional com a Rádio Nacional ainda como estagiária. Em 1999, Cristina Guimarães foi contratada como repórter, cobrindo diversas áreas, como agricultura, meio ambiente e ciência, entre outras. Já foi chefe de reportagem do radiojornalismo e trabalhou na reestruturação da Central do Ouvinte. Foi coordenadora da rádio por duas vezes, sendo que sua última gestão foi de 2009 a 2010. Saiu da emissora neste ano por motivos pessoais.

Edson Nery (Burrinho)

Edson de Jesus Nery, o Burrinho, nasceu em 1944 e é funcionário da Rádio Nacional há mais de 40 anos, quando entrou na emissora como contrarregra. Além de supervisor de operações, Burrinho apresenta e produz o programa Alvorada Brasileira, na Rádio Nacional da Amazônia.

Edson Porto

Edson Porto nasceu em 1931, em Araguari/MG e é um dos pioneiros de Brasília. Médico especializado em pediatria, Porto montou o posto médico da cidade e foi diretor do Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira (HJKO), o primeiro da nova capital. Esteve à frente de um programa de saúde na Rádio Nacional até o começo da década de 1960.

Edson Vitorino

Natural de Lavras/MG, onde reside hoje, Edson Vitorino chegou a Brasília em 1963. Entrou na Rádio Nacional de Brasília em meados da década de 1970, trabalhando como supervisor de operações. Trabalhou em outras rádios na capital, como a Planalto, a Manchete FM e a Rádio Jornal de Brasília.

Eduardo Fajardo

É um dos diretores mais lembrados pelos antigos funcionários da Nacional de Brasília. Carioca, mudou-se para Brasília em 1960 e entrou na emissora em 1968. Eduardo Fajardo chegou a gerenciar, simultaneamente, a Nacional AM e a FM Brasília. Em 1986, voltou para o Rio de Janeiro, onde trabalhou na Nacional do Rio de Janeiro, na Rádio MEC e na TVE. Atualmente, mora em Guarapari/ES.

Eugênio Bucci

Natural de Orlandia/SP, Carlos Eugênio Bucci é jornalista e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Presidiu a Radiobrás de 2003 a 2007. É autor, entre outros livros, de *Em Brasília, 19h* (Record, 2008), no qual relata a experiência à frente da empresa. Atualmente, é professor da Escola de Comunicação e Artes (ECA/USP) e colunista da Folha de S. Paulo e do site Observatório da Imprensa.

Fernando Lopes

Nascido em Piracanjuba, morava em Inhumas/GO quando decidiu mudar-se para Brasília. Deixou a Rádio Nacional quando esta passou a integrar a Radiobrás, mantendo-se em seu emprego na Telebrás e cantando na noite brasiliense. Aposentado, com 78 anos, Eduardo Gomes de Faria ainda é conhecido por Fernando Lopes. Eventualmente, faz shows em ocasiões especiais, como em comemorações dos aniversários das cidades do DF.

Lana Bittencourt

Batizada como Irlan Figueiredo Passos, Lana Bittencourt ficaria conhecida como “A internacional”. Cantora de rádio desde 1954, foi eleita a melhor cantora do ano de 1958 por júri especializado, recebendo o troféu Microfone de Ouro. Lana entoava sambas, sambas-canções, rumbas e boleros e foi uma das artistas contratadas para o show de inauguração da Rádio Nacional de Brasília.

Lourdes Sallas

Lourdes Faieti Sallas é viúva de Dilson Carvalho Sallas, funcionário que trabalhou emissora na década de 1960. Atendeu ao chamado enviado pelo marido pela Rádio Nacional e chegou a Brasília com os filhos em 1961.

Luciano Barroso

Natural de Coluna/MG, com 53 anos, Luciano Barroso tem uma longa lista de programas que já apresentou na Rádio Nacional, entre eles, *Mini Parada Nacional*, *Show da Tarde*, *Geração Colorida*, *BR Caminhoneiro* e *Tarde Nacional*. Já foi coordenador da Nacional de Brasília. Atualmente apresenta o *Cidade 980*.

Luiz Alberto

Luiz Alberto de Oliveira comanda o programa *Eu de cá, você de lá* desde 1985. O radialista entrou na rádio em 1980, como assistente de produção. Trabalhou como locutor também na Rádio Capital.

Luiza Inez

Luiza Inez Vilela Ramos é de Campo Grande/MS, mas chegou em Brasília com apenas sete anos e, por isso, considera-se brasiliense. Começou na Nacional de Brasília na produção do programa *Tarde Nacional*. É apresentadora do *Cotidiano* há cerca de oito anos, programa que já recebeu vários prêmios, entre eles, o Prêmio Engenharia de Comunicação de melhor programa de rádio, em 2006.

Mara Régia

Carioca, Mara Régia é publicitária e jornalista. Entrou na Rádio Nacional em 1979, para compor os quadros da emissora da Amazônia. No mesmo ano, criou o *Viva Maria*, um programa pioneiro no uso do rádio como canal de expressão e mobilização social das mulheres de Brasília na luta por seus direitos. Atualmente, apresenta o programa *Natureza Viva*, na Rádio Nacional da Amazônia.

Marcos Tavares

Nascido em Campos dos Goytacazes/RJ, Marcos Antônio Flores Tavares chegou em Brasília em 1972, e no mesmo ano, entrou na Rádio Nacional, com apenas, 17 anos. Logo destacou-se, passando de operador de áudio a sonoplasta. Foi ele quem montou a maioria das vinhetas da emissora e as aberturas dos programas.

Mascarenhas de Moraes

Nascido em Pires do Rio/GO, João Mascarenhas de Moraes veio para Brasília em 1958. Antes de ser contratado como operador de áudio, em 1960, foi balconista, garçom, apontador de obra e foi descoberto nos programas de calouro da Rádio Nacional. É um dos profissionais pioneiros que continuam trabalhando na emissora. Apresenta o *Saudade Nacional* há dez anos.

Meira Filho

Jornalista e radialista, João Assis Meira Filho nasceu em Taperoá/PB em 1922 e começou a trabalhar na Nacional de Brasília em 1958, onde permaneceu até 1964. O radialista comandou programas como *O dia começa com música*, *Programa Meira Filho* e apresentou *A Voz do Brasil*. Foi senador constituinte e cumpriu mandato de 1987 a 1995. Faleceu em 2008, em João Pessoa, vítima de um aneurisma cerebral.

Messias Melo

Na Rádio Nacional há 28 anos, Messias Costa Melo iniciou na emissora como operador de áudio e chegou a trabalhar no programa *Geração Colorida*, com Luciano Barroso. Atualmente, é o responsável pela produção sonora de grande parte dos programas veiculados na Nacional da Amazônia e da Nacional AM de Brasília. Também trabalha na Rádio Senado.

Miguelzinho Martins

Miguelzinho Martins Novais Filho nasceu em Brasília e é advogado, jornalista, mestre-de-cerimônias e radialista há mais de 15 anos. Antes de entrar na Nacional de Brasília, em 2004, passou pela Rádio 91, em Formosa, e pela Rádio Manchete Brasília. Ingressou na emissora através do primeiro concurso público após a promulgação da Constituição de 1988. Apresenta o programa *Tarde Nacional*.

Taís Ladeira

Entrou na Radiobrás em julho de 2003 para gerenciar a Rádio Nacional da Amazônia. Com a criação da EBC, Taís Ladeira foi convidada para comandar a gerência das emissoras de Brasília, cargo que ocupa desde 2008.

Valter Lima

Valter Ângelo de Lima é natural de Anápolis/GO e é radialista desde 1978, quando trocou as transmissões da radiopatrulha pelos microfones das emissoras de rádio. Na Polícia Militar do Distrito Federal, alcançou o posto de sargento. Está na Rádio Nacional desde 1986, quando assumiu o Revista Brasil, programa que apresenta até hoje. Já trabalhou na Rádio Alvorada e na CBN.

Zair Cançado

Natural de Valença/RJ, Zair Augusto Cançado trabalhou na Rádio Nacional até 1963 e morou em Brasília durante oito anos, quando decidiu voltar ao Rio de Janeiro. Foi um dos fundadores e primeiro presidente da Associação Profissional dos Trabalhadores de Rádio e Televisão de Brasília, que tempos depois se transformou no sindicato da categoria. Atualmente, apresenta na Rádio Bandeirantes AM do Rio de Janeiro, os programas *A banda de música e seus convidados* e *Saudade teu nome é música*.